



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ADNA DA SILVA RODRIGUES

A VOZ DA LAMA:
O PROTAGONISMO DE UMA RÁDIO COMUNITÁRIA DE ANDADA NO COMBATE
AO CORONAVÍRUS

Recife
2023

ADNA DA SILVA RODRIGUES

A VOZ DA LAMA:
O PROTAGONISMO DE UMA RÁDIO COMUNITÁRIA DE ANDADA NO COMBATE
AO CORONAVÍRUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Comunicação. Área de concentração: Mídia, Linguagens e Processos Sociopolíticos.

Orientador (a): Profa. Dra. Giovana Borges Mesquita

Recife

2023

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Rodrigues, Adna da Silva.

A voz da lama: o protagonismo de uma rádio comunitária de Andaraí no combate ao coronavírus / Adna da Silva Rodrigues. - Recife, 2023.

93f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2023.

Orientação: Giovana Borges Mesquita.

Inclui referências.

1. Rádio comunitária; 2. Comunicação comunitária; 3. Coronavírus; 4. Comunidade; 5. Pina - Recife-PE. I. Mesquita, Giovana Borges. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

SUBSTITUA ESSA PÁGINA PELA FOLHA DE APROVAÇÃO EMITIDA PELA SECRETARIA DO PROGRAMA APÓS A DEFESA.
A FOLHA DE APROVAÇÃO DEVE ESTAR SEM ASSINATURAS E EM FORMATO PDF. ELA DEVE CONTER OBRIGATORIAMENTE:

- NOME COMPLETO DO(A) AUTOR(A) DO TRABALHO
- TÍTULO DO TRABALHO
- NATUREZA (INCLUSIVE ÁREA DE CONCENTRAÇÃO)
- DATA DE APROVAÇÃO
- NOME E TITULAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA E INSTITUIÇÕES A QUE PERTENCEM

Modelo de folha de aprovação disponível em:

<https://www.ufpe.br/documents/39058/594591/Folha+de+aprova%C3%A7%C3%A3o+edit%C3%A1vel/b72ea9cf-f1e6-4877-afd8-a796dea86026>

AGRADECIMENTOS

Acima de qualquer pessoa, sou grata a Deus por me sustentar não só na pós-graduação, mas em todos os desafios surgidos nessas três décadas vividas. Nada teria sido possível sem Ele.

À minha mãe e irmã por segurarem as pontas e por serem meu apoio em período tão caótico que foram os meses pandêmicos. Se ainda tenho neurônios, devo tudo a elas.

À minha orientadora Profa. Giovana pela paciência, por me ajudar a enxergar outros caminhos quando meu cérebro dava tela azul.

Aos meus colegas de turma que tanto se apoiaram mutuamente ainda que nosso contato presencial tenha sido apenas na 1ª semana de aula. Acreditem, isso fez toda diferença no meu processo.

Também sou grata pelas professoras queridas da banca Profa. Cris e Ana, por toparem o desafio de me orientarem, por contribuírem, por transmitirem tranquilidade.

Não poderia deixar de agradecer também aqueles que inspiraram todo este trabalho, à equipe da Livroteca Brincante do Pina e da Voz da Lama. Obrigada por me receberem, pelas conversas e por contribuírem mesmo sem me conhecer direito. Em especial, agradeço à Kcal, Paulinha, Shell, Jéssica, Zé da Alfaia, Maíra, Magda e mais meio mundo de gente que em algum momento se dispôs a me ouvir sem sermos apresentados formalmente. Meu muito obrigada! Tenho muito orgulho do trabalho que vocês desenvolvem!

À Fê, minha amiga e irmã baiana com quem tenho compartilhado as dores e delícias da vida de mestrandas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior pelos recursos que possibilitaram o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

O bairro do Pina, periferia Sul do Recife (PE), contrasta em sua paisagem arranha-céus de luxo e casas flutuantes à beira da bacia que leva o mesmo nome. Em 2020, com a pandemia do novo coronavírus, o bairro, que possui um dos menores índices de água encanada e coleta de lixo da cidade, teve um novo problema adicionado a uma longa lista já existente: o aumento na taxa de mortalidade na localidade. Foram mais de 100 entre os anos de 2020 e 2022. Nesse cenário de morte e de falta de políticas públicas, o Pina viu nascer a Rádio de Andada A Voz da Lama, rádio comunitária em atividade na Comunidade do Bode, que se propôs a atuar onde a comunicação governamental não estava chegando. Dessa forma, o objetivo geral do trabalho é compreender as estratégias de comunicação utilizadas pela rádio, em um trabalho conjunto com a comunidade pela sobrevivência à ameaça do vírus. Por meio da realização de observação participante, entrevistas livres, semiestruturadas e análise de conteúdo, buscamos responder à pergunta de pesquisa, que é: qual a singularidade da rádio A Voz da Lama em comunicar o surgimento de uma pandemia às comunidades de contextos populares, em um momento de crise sanitária e de informação? É que a rádio de perfil ambulante passou a se deslocar pelos becos e pela bacia do rio até seus ouvintes, via bicicleta e barco de som, mas não é este seu único diferencial. Além da geração de renda por meio do aluguel dos barcos de pescadores locais para distribuição dos conteúdos em um momento de instabilidade financeira, a rádio ainda promoveu ações educativas porta a porta, através do uso de megafone, distribuição de panfletos e colagem de lambes, atingindo um público além do que consumia seus conteúdos. Embora reconheça que A Voz da Lama “não mudou o mundo da comunicação”, como bem ressalta o fundador da Livroteca e do veículo ambulante Kcal Gomes (2022, em entrevista à pesquisadora), seria equivocado ignorar as contribuições ao nicho que a rádio se propôs atingir, a parte mais “de dentro” do bairro.

Palavras-chave: rádio comunitária; comunicação comunitária; coronavírus; comunidade; Pina.

ABSTRACT

The neighborhood of Pina, South periphery of Recife (PE), contrasts in its landscape luxury skyscrapers and floating houses on the edge of the basin that bears the same name. In 2020, with the pandemic of the new coronavirus, the neighborhood, which has one of the lowest rates of piped water and garbage collection in the city, had a new problem added to a long existing list: the increase in the mortality rate in the locality. There were more than 100 between 2020 and 2022. In this scenario of death and lack of public policies, Pina saw the birth of Radio Andada A Voz da Lama, community radio in activity in the Comunidade do Bode, proposed to act where government communication was not coming. Thus, the overall objective of the work is to understand the communication strategies used by the radio, in a joint work with the community for survival to the threat of the virus. Through participant observation, free interviews, semi-structured and content analysis, we seek to answer the research question, which is: what is the uniqueness of the radio A Voz da Lama in communicating the emergence of a pandemic to communities of popular contexts, in a time of health crisis and information? It is that the radio of walking profile started to move through the alleys and the river basin to its listeners, via bicycle and sound boat, but this is not its only differential. In addition to generating income through the rental of local fishermen's boats for distribution of content at a time of financial instability, the radio also promoted educational actions door to door, through the use of megaphone, distribution of pamphlets and collage of lambes, reaching an audience beyond those who consumed their content. Although A Voz da Lama "did not change the world of communication", as the founder of the Livroteca and the mobile vehicle Kcal Gomes (2022, in an interview with the researcher), it would be wrong to ignore the contributions to the niche that the radio set out to achieve, the part more "inside" the neighborhood.

Keywords: community radio; community communication; coronavirus; community; Pina.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 PINA: LUTAS E RESISTÊNCIAS	14
2.1 O bairro do Pina: da fundação aos dias atuais	14
2.2 A imagem do Pina na mídia	17
2.4 A resistência é coletiva	20
2.4.1 <i>Livroteca Brincante do Pina</i>	20
2.4.2 <i>Coletivo Pão e Tinta</i>	21
2.4.3 <i>Coletiva Cabras: protagonismo feminino e periférico</i>	22
3 SISTEMA DE COMUNICAÇÃO BRASILEIRO E O NÃO LUGAR DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E POPULAR	23
3.1 O sistema de comunicação brasileiro e a legislação em benefício do setor privado	23
3.2 A comunicação comunitária e seu apagamento no debate das políticas de comunicação	28
3.3 Dialogismo como real participação	30
4 COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA	34
4.1 Uma comunicação em prol da justiça social	34
4.1.1 <i>Comunicar para a liberdade: inspirações teológicas</i>	35
4.1.2 <i>Sobre terminologias</i>	37
4.2 Sobre participação e o uso do termo “popular”	38
4.3 Comunicação comunitária e sua ligação com os conceitos de comunidade e resistência	42
5 A RÁDIO COMUNITÁRIA DE ANDADA VOZ DA LAMA	46
5.1 A Voz da Lama	49
5.2 Caminhos metodológicos	60
5.2.1 <i>Dinâmica interna</i>	65

5.2.2 <i>Estratégias de comunicação</i>	69
5.2.3 <i>Ações durante a pandemia</i>	71
5.3 <i>Análise de conteúdo dos episódios da Rádio de Andada A Voz da Lama</i>	72
5.3.1 <i>Análise categorial dos blocos com temas voltados para a saúde</i>	78
5.3.2 <i>Aconselhamento Jurídico</i>	80
5.3.3 <i>Política</i>	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	86

1 INTRODUÇÃO

De herança escravagista, a cidade do Recife segue histórica e profundamente marcada pela desigualdade social. Para o geógrafo Milton Santos (BITOUN, MIRANDA e SOUZA, 2018), o espaço geográfico se assemelha a um mosaico, onde elementos de diferentes eras coexistiriam, justificando e elucidando assim, o presente. Parte de um dos principais centros do tráfico negreiro no Atlântico, a Veneza Brasileira, tal qual outras capitais como Salvador e Rio de Janeiro, carrega até hoje estilhaços da predominância da exploração de escravizados que tanto custou a dar lugar ao trabalho livre. Bitoun, Miranda e Souza (2018) apontam para a desvantagem econômica a que foram submetidos os afro-americanos à época, dando origem à ocupação dos subúrbios e cortiços da atualidade. Os autores destacam também o fato de a organização social da cidade estar ligada à mercantilização do setor imobiliário, intensificada durante os anos 2000, ao qual agentes gentrificadores¹ se apropriam de territórios ao mesmo tempo em que desalojam grupos menos favorecidos. A problemática geracional do solo urbano recifense em números traduz-se em um déficit habitacional de aproximadamente 72 mil casas, conforme o Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS) de 2019, que expõe mais do que a falta de um teto, a violação de direitos humanos básicos.

A cidade, que é a 5ª maior na concentração de favelas do país, conta com 102.392 domicílios em aglomerados subnormais² segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³, habitadas por famílias de baixa renda com uma média de três ou quatro residentes. Nestes aglomerados, o abastecimento de água e energia são por vezes insuficientes, além dos riscos a que

¹ Derivado do termo “gentrificação” (do inglês *gentrification*), que consiste na desapropriação de centros urbanos por parte das camadas populares para dar lugar aos novos ocupantes de alta renda, valorizando assim o *status* daquele local.

² Ocupação irregular de um terreno.

³

<https://www.observatoriodorecife.org.br/tag/favela/#:~:text=Recife%20%C3%A9%20a%205%C2%AA%20cidade%20com%20maior%20concentra%C3%A7%C3%A3o%20de%20favelas%20do%20pa%C3%ADs&text=Um%20total%20de%20852%20mil,na%20Regi%C3%A3o%20Metropolitana%20do%20Recife.> (Acesso em 16/05/2021)

são expostos diariamente devido à ausência de saneamento básico, políticas de segurança e acesso à saúde.

Uma década após a coleta de dados realizada pelo IBGE, outro agravante é adicionado à vida dessas famílias: no ano de 2020 tem início uma das maiores crises sanitárias do mundo, a pandemia do novo coronavírus. Tornando ainda mais evidente a disparidade de condição de vida entre classes sociais distintas, a fratura do descaso público é exposta. Dos 50.801 casos de contaminação (entre leves e graves) computados em Recife até o final do mês de dezembro de 2020, os números mais elevados de óbitos correspondem às áreas mais pobres, como é possível observar no boletim publicado pela Secretaria de Saúde (SESAU), disponível no site da Prefeitura do Recife.⁴ Bairros de renda mais elevada, como Jaqueira e Casa Forte, localizados na zona Norte da cidade, durante o período avaliado tiveram um total de 22 e 94 indivíduos infectados, respectivamente, tendo o primeiro finalizado o ano com 6 óbitos, e o último com 17. Nas periferias, por outro lado, o volume de mortos é alarmante: no bairro do Pina, zona Sul do Recife, o mesmo momento registrou 50 óbitos dos 163 contaminados, ou seja, do universo de residentes acometidos pelo vírus, aproximadamente 31% não resistiram (PREFEITURA DO RECIFE, 2020).

E é o Pina, ponto de partida para esta pesquisa. Contrastando moradias simples com um dos menores índices de água encanada (66,4%) e coleta de lixo (87,03%)⁵ com os arranha-céus de luxo da sua vizinha praia de Boa Viagem, o bairro em déficit de condições sanitárias deixa vulneráveis os seus moradores. O convívio entre ratos e baratas, em meio a um esgoto a céu aberto favorece o alto risco de infecções como as arboviroses (zika, dengue e chikungunya), além da proliferação de outras doenças.

O bairro – que recebe o sobrenome dos irmãos portugueses exploradores da mão de obra escrava que chegava ao local durante a fuga pelo manguezal – foi ocupado inicialmente por negros foragidos, pescadores, marisqueiros e demais escorraçados das áreas centrais. O povoado que ali se formara era basicamente composto por indivíduos sem qualificação formal, que tinham a pesca como único

⁴Disponível em http://www2.recife.pe.gov.br/sites/default/files/31.12_-_boletim_informativo_sesau_-_covid.pdf (Acesso em 16/05/2021)

⁵ Dados do Atlas de Desenvolvimento Humano do Recife publicados em 2005.

meio de subsistência, como destaca Silva (2008). A ocupação, que a princípio, preenchia as áreas de terra firme, paulatinamente foi sendo estendida às proximidades da bacia do Pina, devido ao crescimento populacional, além da chegada de empresas do setor imobiliário que logo se apropriaram dos espaços mais bem localizados, transformando o bairro em uma pintura contrastante entre concreto e estacas de madeira. Das primeiras décadas do século XIX, de onde datam os registros sobre a formação do bairro, até o presente, persistem problemas relacionados às condições precárias a que estão submetidos os moradores, bem como a luta pela regularização dos territórios ocupados (SILVA, 2008).

No entanto, no mesmo ambiente onde cabem gambiarras, fios emaranhados, restos de taipa e ondas de calor insuportáveis, também cabe resistência e esperança por dias melhores. Durante os anos de chumbo no Brasil, os bairros do Pina e de Brasília Teimosa, destacaram-se, não só pela efervescência cultural, como pela articulação de movimentos em prol das moradias. Teatros de rua encenados em assembleias e protestos, além da criação de rádios comunitárias para conscientização dos moradores das comunidades reivindicavam o acesso a direitos básicos como água, saneamento e iluminação pública. A forte presença de associações de moradores trouxe, ainda que não por completo, uma perspectiva de dignidade.

Algumas décadas passadas e a comunidade segue se manifestando pelo direito à moradia, articulada com o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e outros grupos locais. Na comunidade do Bode, dentro do Pina, onde a renda média é de R\$758,63⁶, tendo pelo menos 600 pessoas residindo em palafitas⁷, ter água encanada e o mínimo de higiene ainda é inacessível para alguns moradores. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2019), a escassez de tratamento de água, saneamento básico e higiene é responsável por 1,9 milhões de mortes no mundo todos os anos.

Com a pandemia do Covid -19, um novo problema é adicionado a uma longa lista já existente: a taxa de mortalidade na localidade (total de 101 óbitos entre 2020

⁶ Dados do Atlas do Desenvolvimento Humano do Recife, 2005.

⁷ Dados fornecidos pelo Centro Dom Helder Câmara de Estudos e Ação Social (Cendhec), disponível em <https://www.cendhec.org.br/acoesnobode> . Acesso em 22/05/2021

e 2021)⁸ somadas às dificuldades já conhecidas, foi a mola propulsora para iniciativas de organizações de fomento cultural e social atuantes na região. Da união entre a Livroteca Brincante do Pina⁹, Coletiva Cabras¹⁰ e Coletivo Pão e Tinta¹¹, nasceu o Núcleo de Comunicação Caranguejos Pensantes (NCCP), no espaço onde no passado, funcionou a antiga sede da União dos Moradores do Pina. Em julho de 2020, o NCCP lança a Rádio de Andada¹² A Voz da Lama, que prioriza a escuta dos moradores e é composta, em sua maioria, por residentes do Pina. Com a proposta de reunir “vozes de onde viemos”, aborda pautas utilizando uma linguagem simples e acessível, posicionando-se na contramão das mídias tradicionais que estigmatizam e invisibilizam o ser favelado (MENEZES, 2021, entrevista à pesquisadora)¹³. Política, saúde da mulher, medicina natural e aconselhamentos jurídicos se alternam com rimas e poesias de autoria dos moradores e moradoras do bairro, proclamadas nos intervalos dos programas. A rádio, que tem o nome em função do manguezal¹⁴ que circula o bairro e também à veiculação de sua programação – de bicicleta ou em baiteiras¹⁵ –, percorre os becos e moradias flutuantes, onde normalmente a informação não chega, promovendo produções locais, ao mesmo tempo em que remunera os pescadores que transitam pela bacia do Pina com as caixas de som acopladas em seus barcos.

Como moradora da comunidade do Bode sou, ao mesmo tempo, público-alvo da rádio e pesquisadora das suas contribuições ao campo da Comunicação, para saúde e qualidade de vida da população de baixa renda, realidade que também me cerca e atravessa. Mais que um objeto de estudo distante e indiferente ao contexto

⁸ Dado fornecido pelo Centro de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde do Recife.

⁹ Projeto de arte-educação voltado para crianças da comunidade do Bode.

¹⁰ Coletiva de assistência e apoio às mulheres periféricas do Pina, fundada em agosto de 2020, durante a crise do coronavírus.

¹¹ Coletivo composto por artistas, produtores e militantes periféricos com quase 10 anos de atuação na comunidade.

¹² O termo “de andada” refere-se à característica itinerante da rádio.

¹³ Trecho retirado da entrevista com Paula Menezes, coordenadora de atividades da Livroteca.

¹⁴ Ecossistema localizado em regiões litorâneas entre um ambiente terrestre e marítimo.

¹⁵ Pequenas embarcações a motor utilizadas para pesca no Recife.

que estou inserida, compreendo nesta pesquisa a oportunidade de mostrar que dos ambientes marginalizados também podem originar-se saberes ainda que fora dos padrões academicistas.

Nessa perspectiva, buscando entender as contribuições de uma rádio comunitária surgida durante a pandemia da Covid-19, num bairro com índice de mortalidade totalizando 106 óbitos de 2020 a novembro de 2022¹⁶ e diversos problemas sociais, a pergunta norteadora da pesquisa é: qual a singularidade da rádio de andada A Voz da Lama em comunicar o surgimento de uma pandemia às comunidades de contextos populares, em um momento de crise sanitária e de informação?

A pandemia da COVID-19 se consagrou como um dos maiores desafios sanitários da atualidade em nível global. Com início na China, no final do ano de 2019, o vírus de rápida disseminação já tinha ocasionado cerca de 120 milhões de mortes no mundo até abril de 2020 (WERNECK e CARVALHO, 2020). No Brasil, o primeiro caso de contaminação pelo novo coronavírus foi registrado no final de fevereiro de 2020, sendo no mês de março o primeiro óbito pela doença e, posteriormente, o início das medidas de isolamento social.

O ano de 2021 foi marcado pela segunda onda da doença, além do surgimento de variantes mais transmissíveis (gama, delta e ômicron) e, posterior desenvolvimento de vacinas. Os sistemas de saúde em diversos estados entraram em colapso devido ao número de infectados superior à capacidade de internação hospitalar, segundo dados da Fiocruz (2021). No Recife, o município encerrou o ano de 2021 com 161.648 casos confirmados de COVID-19, tendo 5.694 evoluções para o óbito (CIEVS-PE, 2021). Dessa contagem, somente o bairro do Pina teve 1.546 pessoas contaminadas (entre casos leves e graves) e 51 óbitos.

A partir da questão-problema, a pesquisa apresenta como objetivo geral compreender as estratégias de comunicação utilizadas pela rádio ambulante, em um

¹⁶ O número total de 106 óbitos por coronavírus no bairro do Pina foi adquirido a partir de somatório de todos os boletins publicados pelo CIEV Recife até o dia 17/11/2022 (<https://cievsrecife.wordpress.com/publicacoes-devs-sesau-recife/>).

trabalho conjunto com a comunidade, para a mudança de atitude diante do perigo da contaminação pelo coronavírus.

Especificamente, se tem como objetivo: descrever o contexto, condições e motivações que deram início à criação da rádio de andada A Voz da Lama; relatar a história da rádio comunitária surgida num contexto pandêmico, destacando os responsáveis pela sua criação e funcionamento; entender e descrever o processo de funcionamento de uma rádio comunitária em meio à pandemia, bem como o nível de participação da comunidade nas construções dos programas e nas decisões; analisar os conteúdos produzidos com a temática da COVID-19, visando a prevenção e redução dos impactos do vírus na comunidade.

Realizaremos uma pesquisa ação no campo social (PERUZZO, 2016, p.7), que:

volta-se para problemáticas locais e/ou de problemáticas públicas equacionadas por instituições públicas e organizações da sociedade civil sem fins de lucro, sejam os movimentos sociais populares, unidades educacionais, “comunidades”, grupos ou segmentos populacionais (jovens, por exemplo) que demandam solução de problemas sociais e mudanças no curso de suas práticas ou na formulação e implementação de políticas públicas.

A pesquisa-ação é definida por Peruzzo (2016) como uma pesquisa voltada à resolução de um problema coletivo, onde pesquisadores e participantes trabalham de maneira colaborativa e participativa, partindo do princípio de ação/intervenção e transformação daquela realidade. Para tanto, o pesquisador precisa estar inserido no meio estudado, vivenciando as problemáticas que transpassam os sujeitos a qual acompanha. A geração de conhecimento construído em conjunto e o retorno dele à comunidade, bem como a troca de saberes comunidade-academia é o que diferencia a pesquisa-ação dos demais modelos.

Com o intuito de atingir os objetivos traçados na pesquisa, elegemos como métodos, além da revisão bibliográfica, a realização de entrevistas informais e de roteiros semiestruturados com os membros da Voz da Lama, a fim de compreender a percepção destes em relação ao trabalho que vem sendo realizado na Comunidade do Bode. A entrevista é o método mais antigo de obtenção de dados nas ciências sociais (GIL, 2006), podendo ser aplicada em diversos campos do saber. Sua flexibilidade permite uma compreensão profunda do comportamento humano, pois permite a captação da linguagem corporal, entonação e expressões faciais do entrevistado. É também um método muito acessível, tendo em vista que não é

necessário que a pessoa analisada seja letrada. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em diferentes momentos ao longo dos anos de 2021/2022 nas modalidades online e presencial com os membros da Livroteca: Igor “Shell” de Melo, Ana Paula Menezes, Jéssica Jansen, Ricardo “Kcal” Gomes, José Maurício (Zé da Alfaia) e Maíra Cabral, voluntária desde o início do projeto. É importante frisar que o “projeto-mãe” da Livroteca bem como a rádio não possuem registros documentais de sua história, sendo necessário recorrer à transmissão oral destas informações. Outro método utilizado foi da observação participante, definida por Peruzzo (2017) como uma estratégia de compreender um fenômeno observando-o *in loco*. Este método não é defendido pela autora como um posicionamento neutro do pesquisador no campo, mas seu distanciamento do objeto é defendido a fim de que não se misturem os valores e conceitos previamente construídos pelo cientista. Da mesma forma que as demais etapas metodológicas, a observação participante foi realizada na sede da Voz da Lama, em dezembro de 2022. A técnica foi empregada no acompanhamento da última reunião de planejamento de atividades do ano. A inserção da pesquisadora no ambiente da rádio possibilitou compreender as dinâmicas internas de tomada de decisão e as intenções da equipe para continuidade do trabalho.

No que diz respeito aos conteúdos produzidos pela rádio dentro da temática da pandemia, foi realizada a análise dos episódios disponibilizados no Spotify e Youtube a partir de setembro de 2020 (início das atividades da Voz da Lama) até outubro de 2021, período que marca pouco mais de um ano de funcionamento da rádio, ainda em meio a pandemia da Covid-19.

A seguir, vamos apresentar como dividimos a dissertação: além da introdução acima, que integra o primeiro capítulo, onde foram definidos o problema de pesquisa, os objetivos, a metodologia e as justificativas para a realização da pesquisa; o segundo capítulo, intitulado “Pina: lutas e resistências” dá início à história do bairro periférico da cidade do Recife onde a rádio comunitária “A Voz da Lama” passou a funcionar. A comunidade de muitas lutas e de muitos problemas sociais será apresentada, desde o período da chegada dos primeiros imigrantes ainda no Brasil Colônia, até os anos iniciais do século XXI (SILVA, 2008). O terceiro capítulo, “Sistemas de Comunicação Brasileiro e o não lugar da comunicação comunitária e popular” traz um panorama do sistema de comunicação brasileiro, que historicamente foi constituído por iniciativas privadas, diferenciando-se de outros países cujo a

formação segue uma lógica pública, que privilegia os interesses dos/as cidadãos/cidadãs e não de grupos empresariais e ou políticos. Nesse capítulo, falaremos também das rádios comunitárias, como essa possibilidade de exercício da liberdade de comunicação e cidadania, o papel dessas rádios, sua origem e características atuais, além de evidenciar os aspectos legais e o posicionamento de setores da sociedade sobre as mesmas. Discutiremos ainda o que caracteriza uma emissora como propriamente comunitária, diante da diversidade de experiências existentes.

O quarto capítulo discorre sobre a conceituação de Comunicação Comunitária. Resgatamos as origens das comunicações dos movimentos populares, desde a ditadura militar no contexto latino-americano, passando pelas discussões em volta dos conceitos e relações de poder interno e externos aos grupos sociais (PERUZZO, 2004). Também trazemos a discussão sobre a noção de comunidade em um mundo globalizado, apontando para as possibilidades de articulação em busca do bem coletivo por meio da utilização das tecnologias da informação (PAIVA, 1998).

O quinto capítulo traz caracterização das rádios comunitárias (PERUZZO, 1998) e como a rádio A Voz da Lama se enquadra na classificação, além de abordar sua rotina produtiva em meio a pandemia do coronavírus. Nesse capítulo apresentamos a metodologia e os métodos utilizados para a obtenção de dados, além da análise e dos resultados obtidos.

As “Considerações finais” têm como intuito apresentar as principais contribuições da pesquisa para os estudos da Comunicação Comunitária, especialmente ao aporte teórico sobre rádio comunitária, além de apontar possíveis questionamentos que resultem em futuras pesquisas.

2 PINA: LUTAS E RESISTÊNCIAS

Desde sua formação, quando o manguezal ainda estava sob posse dos portugueses até os dias atuais, o Pina tem sido reduto de indivíduos não-cidadãos, como pontuou Milton Santos (1996/97) ao se referir à negação de direitos fundamentais a determinados grupos sociais. Conhecer a história do bairro, palco de tantas lutas e desigualdades, é essencial para assimilar a importância da coletividade na transformação de uma realidade pouco favorável aos moradores daquela localidade.

2.1 O bairro do Pina: da fundação aos dias atuais

No período colonial, quando Olinda ainda era a capital do estado de Pernambuco e o Recife apenas um povoado de pescadores, o Pina teve sua fundação. À época, os rios Jordão, Tejió e a bacia do Pina não possuíam delimitação, constituindo assim um grande bloco de terras alagáveis, como observou Oswaldo Pereira da Silva (2008). Os colonos portugueses logo se apossaram daquelas terras ao sul do Porto do Recife, e instalaram a Fazenda Nossa Senhora do Rosário, santa que mais tarde se tornaria a padroeira do bairro. André Gomes Pina e seu irmão, conhecido como Cheira Dinheiro, eram os responsáveis pela terra separada em seis pequenas ilhas: Pina, Cheira Dinheiro (conhecida também como ilha da Barreta ou Fernão Soares), Bode, Cabra, Raposa e a ilha do Felipe. Na ilha da Barreta, localizada ao norte daquele território, foi construído um armazém para comércio e exportação de açúcar para a Europa. Exploradores de mão-de-obra escrava, os irmãos portugueses "recrutavam" os negros que cruzavam a bacia do Pina pelo manguezal, a fim de fugir dos mal tratos e viver da pesca. Ali nascia uma comunidade de homens predominantemente pretos, pescadores em uma relativa liberdade – visto que, devido ao difícil acesso da área, traço que perdura até os dias de hoje- muito provavelmente não seriam encontrados pelos respectivos senhores.

Após a invasão e expulsão dos holandeses no século XVIII, a ilha da Barreta passa a ser chamada ilha do Nogueira em homenagem a um morador e sargento-mor. Alguns anos depois, o que mais tarde se tornaria o bairro do Pina transforma-se em objeto de disputa: o interesse pelas terras cresce, à medida que a área entra nos

planos de valorização e intervenções estruturais por parte do governo. Em 1849, a Capitania dos Portos anuncia a realização das obras, que incluíam a construção do dique do Nogueira, além de alguns aterros. Simultaneamente ao início das obras, o Pina tem seu território ocupado por trabalhadores das camadas mais populares, devido às ofertas de trabalho na região, o que desencadeou em um notável acréscimo populacional. Além dos trabalhadores, pescadores jangadeiros, ex-escravos, marisqueiros e indivíduos iletrados expulsos de áreas mais centrais da cidade, constituem a formação do bairro. Os aterramentos logo começam a alterar a paisagem com a construção de casas de pau de mangue e “paredes e telhados de palha de coqueiro” (SILVA, 2008).

Com o fim da escravidão, muitos daqueles que adquiriram a “liberdade” ficaram desabrigados e povoaram o Recife, inicialmente nas terras firmes e depois, com a superlotação das cidades, nas terras alagáveis. Nestas, as técnicas de construções adaptavam-se aos materiais disponíveis na natureza e ao tipo de terreno.

Uma das técnicas empregadas no Pina para o aterro de áreas alagadas era original, primeiro construía-se um retângulo de tábuas encravado no chão e ia-se colocando lama até atingir a altura das tábuas; no processo, a água escorria e o chão de terra batida estava pronto para receber a casa de palha (SILVA, 2008, p.18).

No início do século XX, é importado da Europa para a região, o costume do banho de mar, tornando o bairro um atrativo turístico. Em 1908, o Conselho de Salubridade do Estado elaborou um parecer indicando a necessidade da construção de uma nova rede de esgoto para a cidade. No ano seguinte, o plano entra em ação, mas para infelicidade dos moradores, os dejetos dos estabelecimentos do entorno são despejados nas águas da praia do Pina, afastando veranistas e prejudicando aqueles que vivem da pesca de subsistência. Os demais pontos mais abastados da cidade são contemplados pelo projeto de forma adequada, restando à periferia apenas o esquecimento do poder público e o estigma social.

Quanto as condições subnormais de território, é importante traçar um paralelo com os estudos do geógrafo Milton Santos (1996/97). Em *Cidadanias Mutiladas*, o autor traz a localidade e a moradia dignas como parte do escopo dos direitos humanos fundamentais, direitos estes capazes de transformar os indivíduos em cidadãos. É por esta razão que Santos (1996/97) afirma em sua obra que negros e pobres brasileiros não são, portanto, reconhecidos como cidadãos, tendo em vista que, historicamente,

esses grupos não gozam em sua totalidade de direitos, outrora tolhidos pelas classes mais abastadas visando a manutenção de seus privilégios.

Silva (2008) pontua que “o progresso vai empurrando a população mais pobre para a maré”, enquanto os mais ricos ocupam as áreas do bairro que passaram por uma reestruturação. Diante desse embate passa a entrar em cena a força popular por meio das associações de moradores, de importante atuação principalmente na década de 1980.

No ano de 1985 tornou-se destaque na mídia¹⁷ a organização de uma grande movimentação no bairro em torno da legalização dos terrenos aterrados pelos próprios habitantes da área. Entoando em alta voz a marchinha carnavalesca "Daqui não saio, daqui ninguém me tira" alternados com gritos de "queremos posse das terras", cerca de mil moradores dirigiram-se até o Palácio do Governo no intuito de pressionar o chefe do estado a conceder os títulos às famílias que por décadas estavam ocupando a região.

Detidos pela polícia e impedidos de seguir com carro elétrico, a passeata pacífica que saiu do Pina, teve os representantes da comissão de moradores recebidos pelo então governador Roberto Magalhães (1983-1986), que prometeu estudar a área para melhor solucionar o caso, e solicitou a apresentação de documentos que comprovassem as posses reivindicadas. Vale ressaltar que segundo a comissão de moradores do Pina, à época, além da Santa Casa de Misericórdia, “proprietários” que nunca visitaram o território, como uma mulher identificada como Lúcia Souza Leão, reivindicavam a posse de lotes da comunidade. Dessa forma, a partir da pressão desses agrupamentos foi modificada a Lei de Uso e Ocupação do Solo e entrou em vigor o Plano de Regularização de Zonas Especiais de Interesse Social (PREZEIS, 1987) na cidade. A lei municipal do PREZEIS (nº 1.4947/87) é referência no processo de urbanização e legalização de favelas, e zela pela proteção das áreas de assentamentos populares.

O episódio de 1985 foi apenas um dentre as muitas idas e vindas da comunidade pela ocupação do bairro, problema este que permanece até os dias

¹⁷ Matéria produzida pelo Canal Viva, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ltWFSSLPJ3Y> (acesso em 23/04/2022).

atuais. Segundo dados fornecidos pelo Fogo Cruzado (2022)¹⁸, dos 30 mil habitantes do Pina, apenas 2.650 estariam prestes a receber o título de posse.¹⁹A realocação das famílias que moram nas palafitas do Bode também persiste até o dia de hoje. A promessa de 600 apartamentos dos Habitacionais Encanta Moça I e II não são compatíveis com o volume excedente de moradores das palafitas, que por sua vez, reclamam da falta de transparência do poder público quanto aos contemplados (FOGO CRUZADO, 2022).

No ano de 2022, mais uma vez os moradores do Pina voltaram a protagonizar uma nova articulação pelo direito ao território, dessa vez, pela ocupação do antigo Centro Social Urbano (CSU) do Bode, no final do mês de janeiro. O imóvel, que por duas décadas ofereceu atividades educativas e culturais para a comunidade, estava abandonado e totalmente inutilizado. Encabeçada pelos coletivos Pão e Tinta, Novo Pina, Cabras, Livroteca Brincante do Pina, Palafitt Aceleradora Social e Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), com apoio da Comissão de Advocacia Popular da Ordem dos Advogados do Brasil em Pernambuco (OAB-PE), a ocupação pacífica realizou mutirões de limpeza, grafitti e capinação do espaço outrora abandonado, oficinas de arte e cultura. Mantidos por doações, a articulação dos moradores reivindicou a devolução do espaço para a comunidade e retomada das atividades. Vendido para a iniciativa privada, o terreno de aproximadamente 2,2 mil metros quadrados que passou tantos anos inutilizado, corre o risco de em breve se tornar um empreendimento imobiliário. O movimento “Ocupe o CSU” esteve em atividade até meados de fevereiro de 2022 e mobilizou, por meio das redes sociais, moradores de diversas comunidades externas ao bairro para incorporar-se a luta do Pina.

É possível perceber como, por vezes, a história do bairro do Pina se funde e confunde com os relatos em torno da luta por território devido à falta de registros documentados sobre os demais aspectos da localidade. A escassez de produções atualizadas dificulta a apuração dos fatos, quase sempre, transmitidos oralmente.

2.2 A imagem do Pina na mídia

¹⁸ Banco de dados digital e colaborativo que mapeia tiroteios e disparos de arma de fogo nas regiões metropolitanas de Recife e do Rio de Janeiro.

¹⁹ Matéria disponível em <https://fogocruzado.org.br/rios-pontes-e-desigualdades/> (acesso em 23/04/2022)

Poucas vezes as comunidades que compõem o bairro do Pina são destacadas pelo potencial cultural, educativo e político-social que possuem. Na região é possível encontrar o Teatro Barreto Júnior que há anos sedia peças infantis e para o público adulto, galerias como o Purgatório das Artes e a Casa Colaborativa Pão e Tinta que expõem produções artísticas periféricas, o bloco carnavalesco Banhistas do Pina e a Nação de Maracatu Porto Rico que também organizam a Noite do Dendê, a Feira Preta, batalhas de rima e festivais diversos, além de ser o nascedouro de grupos musicais como o Bando Pé de Bode e Barbarize.

Apesar disso, basta uma busca rápida nos principais portais de notícia do estado para observar o quanto o Pina é frequentemente associado a reportagens ligadas à criminalidade e ao abandono nos quesitos de moradia, segurança e saneamento. A título de exemplo, apenas no ano de 2021, em levantamento realizado no portal G1, das 22 notícias envolvendo o bairro, oito delas tratavam de pontos negativos, como tráfico de drogas, arrombamento, tentativa de homicídio, entre outros. Por outro lado, desse mesmo total, apenas cinco chamavam atenção para ações comunitárias de impacto positivo, as demais matérias tratavam de ocorrências corriqueiras como obras das companhias de energia e esgoto ou acidentes de trânsito. Na coluna da esquerda, constam as manchetes positivas envolvendo a localidade, enquanto à direita, as negativas.

QUADRO 1- O PINA NA MÍDIA

Matérias G1 Pernambuco - Bairro do Pina (2021)	
Cozinha solidária alivia a fome de 200 famílias no Pina	Placas de concreto de calçada do Pina são arrancadas para roubos de fios
Dia das crianças: voluntários doam brinquedos no bairro do Pina	Festa clandestina no Pina gera aglomeração
Moradores de comunidade do Pina recebem ajuda para agendar vacina contra Covid-19	Passarela do Pina está abandonada e vira depósito de lixo
Distribuição de cestas básicas e bazar solidário no Pina	Turista esfaqueado no Pina
Vizinhos solidários do Pina preparam surpresa para catadores de recicláveis do Recife	Assaltante que esfaqueou turista em assalto no Pina é preso
-	Agência da Caixa Econômica é arrombada no

	Pina
-	Homem é preso com mais de 100 kg de maconha em caixas de isopor no Pina
-	Creche do Pina é arrombada

Fonte: Elaborado pela autora

Já em relação ao ano de 2022 no mesmo veículo, ao utilizar a ferramenta de busca do site com o termo “Pina”, são apresentadas 13 notícias, sendo duas de interesse geral (funcionamento de espaços de interesse público), seis sobre desastres (morte por afogamento, acidente de trânsito, incêndio nas palafitas), e cinco sobre os movimentos culturais e políticos do local, conforme listadas abaixo:

QUADRO 2- O PINA NA MÍDIA EM 2022

Matérias G1 Pernambuco - Bairro do Pina (2022)	
Moradores pedem reativação do Centro Social do Pina	Corpo de homem que desapareceu no mar da Praia do Pina, no Recife, é encontrado pelo Corpo de Bombeiros
Cozinha Solidária alimenta moradores de palafitas no Bairro do Pina, no Recife;	Pescadores encontram homem boiando no mar e guarda-vidas resgatam corpo, no Pina
Bloco Banhistas do Pina completa 90 anos e não desfila desde 2018	Incêndio destrói palafitas no Pina, na Zona Sul do Recife
Manifestantes queimam pneus durante protesto e interditam a Avenida Herculano Bandeira, no Pina (ainda tratando sobre o CSU)	Incêndio expõe drama de quem mora em palafitas: 'tem que conviver com maré alta e ratos subindo', diz ambulante
Xilogravurista J. Borges leva exposição inédita para galeria no Pina, Zona Sul do Recife	Tristeza e solidariedade marcam dia seguinte a incêndio destruir palafitas; moradores vão receber indenização
-	Dois homens ficam feridos após serem atingidos por linhas de pipa com cerol na Via Mangue, no Recife

Fonte: Quadro feito pela pesquisadora

O Pina, tal como outras localidades periféricas do país, apresenta uma série de problemas não solucionados por quem deveria garantir qualidade de vida a todos os

cidadãos. Alternativamente, a comunidade se articula em busca de transformação. O movimento pelo direito à moradia é uma das principais bandeiras levantadas no bairro. A luta, que por décadas tem se estendido, é constantemente pautada pelos coletivos em atividade.

2.4 A resistência é coletiva

A história do Pina está intrinsecamente ligada à atuação dos coletivos. É por meio destes que são reivindicadas e, às vezes, conquistados direitos anteriormente negados aos moradores do local. É quase impossível contar a história do bairro sem mencionar o protagonismo nas manifestações e a pressão exercida sobre as autoridades por melhorias na qualidade de vida. A seguir, serão apresentados alguns dos grupos em atividade na comunidade do Bode.

2.4.1 Livroteca Brincante do Pina

Fundada em maio de 1995 pelo poeta e músico Ricardo Gomes (Kcal) às margens da bacia do Pina e tendo como primeira sede uma casa flutuante, onde permaneceu até 2008²⁰, a Livroteca Brincante do Pina é um projeto de inclusão social a partir do incentivo à leitura, integração artística e cultural, e tem como público crianças e adolescentes da comunidade do Bode. A história do primeiro ponto de leitura do Brasil intitulado pelo Ministério da Cultura (2009), tem sido de resistência ao longo dos anos: suas sedes já foram fechadas pelo menos quatro vezes devido à falta de financiamento para aluguel dos espaços.

O atual espaço, antigo prédio da União dos Moradores (Rua Artur Lício, 291, Pina- Recife) é fruto da ocupação pelos voluntários do projeto iniciada em 2013 e, posteriormente, em 2015²¹,. Abriga não só um acervo com mais de 10.000 livros, mas uma série de atividades de formação cidadã, ambiental, de ação social e

²⁰ A primeira sede precisou ser substituída após a estrutura ceder devido ao peso dos livros.

²¹ Segundo Kcal Gomes, em entrevista à pesquisadora (2022), a primeira ocupação realizada em 2013 não foi bem sucedida, devido à falta de recursos financeiros para manutenção da sede. A ocupação de 2015 contou com o apoio financeiro de apoiadores que arrecadaram a quantia de R\$12 mil em 20 dias através de uma campanha virtual.

comunicação, como no caso da Rádio A Voz da Lama e dos coletivos que utilizam o prédio (Pão e Tinta e Cabras) e mostras de cinema (Cine Bode).

Durante o período pandêmico, a Livroteca destacou-se entre as ações periféricas de prevenção e redução dos impactos econômicos do coronavírus, concedendo entrevistas a diversos portais de notícia. A criação da rádio levando informação acerca dos cuidados diante da iminente contaminação, bem como a produção e lançamento do Passinho da prevenção²² e a circulação de uma cédula própria válida como moeda de troca (vale gás, vale verdura e vale sururu), tornou ainda mais evidente a importância da coletividade no bairro.

2.4.2 Coletivo Pão e Tinta

O Coletivo Pão e Tinta, composto por cerca de 35 membros entre artistas, produtores, articuladores sociais e militantes periféricos, em sua maioria moradores da Comunidade do Bode, possui 10 anos de atuação no bairro do Pina e funciona de maneira horizontal²³. Atuante em diversas linguagens como teatro, produção musical, artes plásticas, para além da promoção da cena artística independente, o coletivo organiza a revitalização de espaços abandonados, além de realizar anualmente o Encontro Internacional de Artes Pão e Tinta desde 2012, que traz grande visibilidade ao bairro. Buscando sempre trazer temas que dialoguem com a vida na periferia e reflexões sobre o descaso social em torno dos corpos favelados, o Pão e Tinta se apresenta como uma alternativa de resgate da juventude em detrimento das drogas e da criminalidade.

Como forma de estimular também a economia local, o coletivo produz e executa o Leilão em Chamas Pirata, comercialização das artes produzidas por artistas periféricos de várias cidades que podem ocorrer em três formatos: online por postagem no instagram ou transmissão no Youtube, ou presencialmente. O protagonismo do Pão e Tinta não se limita apenas às expressões artísticas e culturais: a luta pelo direito à cidade e pela democratização dos espaços culturais também entram em pauta, encabeçando e marcando presença na conscientização e articulação dos moradores em volta de interesses coletivos.

²² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sCLdRnF9LIM>

²³ Não possui hierarquia de funções, segundo Igor “Shell” em entrevista à pesquisadora (2021).

2.4.3 Coletiva Cabras: protagonismo feminino e periférico

Com aproximadamente seis anos de atuação na comunidade do Bode, a Coletiva Cabras só adquiriu o nome atual durante a pandemia do novo coronavírus, iniciada em 2020. Nascido a partir da necessidade de uma narrativa própria feminina, a Coletiva é o resultado da união de mulheres de outros coletivos em atividade no local e reúne mulheres e meninas das mais diversas idades e ocupações, desde estudantes à marisqueiras. Composta por aproximadamente 95% de moradoras do Bode, o coletivo além de atuar com ação social durante o período pandêmico (distribuição de sopão para 40 famílias carentes), ofertou oficinas de reaproveitamento de alimentos e redução de danos.

Compreendendo a importância de mulheres periféricas se apropriarem das tecnologias da comunicação, as Cabras lançaram o projeto Terra Fértil em 2021. Apoiado pelo Fundo Casa Socioambiental, o projeto oferta oficinas de radiofonia por um ano, tendo como objetivo final a criação de um programa de rádio feito inteiramente por mulheres. Visando facilitar o acesso à informação e educação na comunidade, a coletiva instalou também um ponto de Wifi na praça próximo à Livroteca, onde funcionam suas atividades.

Depois de ambientados das dinâmicas do bairro do Pina que é ponto de partida desta pesquisa, daremos continuidade, no próximo capítulo, à compreensão dos sistemas de comunicação do país e da necessidade de uma real participação popular nos meios.

3 SISTEMA DE COMUNICAÇÃO BRASILEIRO E O NÃO LUGAR DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E POPULAR

A liberdade de comunicação, prevista no artigo 5º, inciso IX da Constituição Federal do Brasil, não pode ser concretizada em sua plenitude sem um lugar para a Comunicação Comunitária. Na prática, a própria legislação brasileira posiciona seus/suas cidadãos/ãs à margem das decisões que envolvem a mídia em benefício de interesses de grupos empresariais e políticos. O objetivo deste capítulo é trazer um panorama do sistema de comunicação brasileiro, que historicamente foi constituído por iniciativas privadas, diferenciando-se de outros países cujo a formação segue uma lógica pública, que privilegia os interesses dos/as cidadãos/cidadãs e não de grupos empresariais e ou políticos. Ainda falaremos também das rádios comunitárias, como essa possibilidade de exercício da liberdade de comunicação e cidadania; o papel dessas rádios, sua origem e características atuais, além de evidenciar os aspectos legais e o posicionamento de setores da sociedade sobre as mesmas. Discutiremos ainda o que caracteriza uma emissora como propriamente comunitária, diante da diversidade de experiências existentes.

3.1 O sistema de comunicação brasileiro e a legislação em benefício do setor privado

A radiodifusão no Brasil teve início oficialmente em 06 de abril de 1919, com a primeira transmissão sonora de um ponto para vários, realizada pela pioneira Rádio Clube de Pernambuco (ALCAR, 2020)²⁴. Em novembro de 1924, o Decreto de número 16.657 estabeleceu a regulação das atividades radiofônicas, que até então, funcionavam de maneira amadora em pequenos clubes. Por volta de 1932, o rádio já vinha sendo explorado comercialmente através da venda de espaços publicitários, destinando inicialmente 10% da programação da grade para este fim. A consolidação do modelo de regulação de mídia nacional só viria três décadas depois com a aprovação do Código Brasileiro de Telecomunicações (CBT), no ano de 1962. Com o CBT, o sistema privado de mídia tornou-se ainda mais forte por meio de concessões

²⁴ Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar/jornal-alcar-no-73-julho-2020/editorial> . Acesso em 07/03/2022

concentradas nas mãos de grandes empresários, conforme observou Rebouças (2019).

Somente na Constituição Federal de 1988, o Brasil passa a ter uma seção voltada especificamente à Comunicação. São cinco artigos (do 220 ao 224) sobre o tema, no capítulo V, intitulado “Comunicação Social”. A CF é também a primeira lei que trata da complementaridade entre os sistemas privado, público e estatal brasileiro. O artigo 223, inspirado pelo modo de gestão liberal estadunidense, sugeria o modelo misto de concessões como uma saída ao autoritarismo do Estado, propondo a adoção de um sistema público e, portanto, mais democrático. Fonsêca e Valente (2017) destacam que o Capítulo V, como um todo, trouxe alguns avanços e problemas, ressaltando como pontos positivos a proibição de monopólios e oligopólios, a promoção de conteúdos regionais e locais, e a própria ideia de complementaridade. Mas tais avanços, de fato, não aconteceram. Os monopólios e oligopólios não cessaram de ocorrer, protegidos e apadrinhados pelo próprio governo, o que ocasionou na falta de diversidade da programação. A complementaridade então, tornou confusa na prática, a compreensão das particularidades de cada modelo, tendo em vista que a própria Constituição não deixa claro do que se trata cada um deles.

Após a promulgação da CF, a onda neoliberal se intensificou no país durante a década de 1990, e em 1997, a Lei Geral de Telecomunicações (LGT), número 9.472 separa a telefonia da radiodifusão, extraindo a primeira da alçada da Agência Nacional de Telecomunicação (Anatel), o que acabou favorecendo ainda mais a concentração, agora por meio da propriedade cruzada²⁵. No ano seguinte, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) foi encarregado da venda, em leilão, da Telebrás para a empresa espanhola Telefônica, e posterior privatização. A Telefônica dominou, além do mercado telefônico (operadora Vivo), o setor de TVs a cabo, monopolizando boa parte do setor de comunicação com cerca de 105 milhões de clientes em todo o país. Sobre este acontecimento, Rebouças (2019, p.6) citando o parágrafo 5º, do artigo 220 da Constituição, conclui que:

(...) “os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio”, a concentração de meios de comunicação foi inevitável dentro de um sistema de política de radiodifusão que privilegiou determinados grupos comerciais na exploração das concessões. À política de

²⁵ Concentração de propriedade onde um mesmo grupo empresarial/familiar domina diferentes meios de comunicação.

distribuição de concessões se soma a falta de um órgão regulador e a quase nula aplicação de critérios sociais e econômicos que favoreçam a competição entre os grupos, dificultando o surgimento de médias ou pequenas empresas informativas, ao contrário do que ocorre em outros países.

Nesse mesmo sentido, Fonseca e Valente (2017) destacam que a década em questão não apresentou possibilidades de participação e de acesso aos meios àqueles que compunham a “massa” da população brasileira: o governo seguiu trabalhando em benefício da classe empresarial. Os autores frisam ainda que, apesar das mudanças na comunicação sofridas à época, como o domínio do empresariado na mídia, o Estado manteve-se como “ator preponderante” na distribuição de concessões, ocasionando em uma movimentação em prol de interesses particulares.

Com a chegada de Fernando Henrique Cardoso à presidência no ano de 1995, uma das primeiras atitudes tomadas pelo então chefe de estado foi “a quebra do monopólio estatal nas telecomunicações” por meio da autorização de concessões para o setor privado com a emenda de número 8 à Constituição. Dois anos depois é criada a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), pela Lei 9.472/97, que “teria a atribuição, como instituição autônoma e de controle público, de regular e de fazer cumprir o arcabouço normativo do setor” (FONSECA E VALENTE, 2017, p.40).

Pouca coisa mudou com o passar dos anos em relação à participação popular na regulação da comunicação no país. Nos anos de 2000 e 2001, a Anatel realizou consultas públicas sobre aspectos financeiros e tecnológicos, que normalmente indicariam uma abertura para a sociedade civil fora da esfera do empresariado, excluindo a comunidade acadêmica e demais setores da sociedade, como ONGs e sindicatos. Com o fim do segundo mandato de Fernando Henrique (PSDB) no ano de 2002, apesar dos esforços do governo em vigência para tornar público o serviço de telecomunicações, poucas, ou nenhuma, mudanças foram sentidas de fato pela população no quesito de participação. O tema democratização do acesso à mídia não foi tratado como uma questão a ser estendida aos indivíduos comuns, como evidenciam Fonseca e Valente (2017, p.44):

Em resumo, enquanto oferecia poucas participações e especulava com abstracionismos jurídicos para o grande público, o Estado brasileiro garantia aos empresários e a seus respectivos tecnocratas, de dentro ou de fora do governo, a direção das políticas de comunicação do país(...).

Em 2002, com a eleição do presidente Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT) iniciou-se um processo de tentativa de incorporação de um

programa de democratização da comunicação no país. O PT, historicamente conhecido pela luta e representação das classes populares, apresentou em documentos oficiais da campanha à época, propostas para o setor, a partir das contribuições da sociedade civil. O documento intitulado "Concepções e Diretrizes do Programa de Governo do PT para o Brasil 2002" apontava para a implantação imediata de um Conselho de Comunicação Social conforme previsto na Constituição Federal, proposta essa não incorporada na redação final e, da igual forma, durante o mandato. Os tópicos do programa, elaborados pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), que defendiam pontos como o da democratização e regionalização de conteúdos, transparência e descentralização dos meios, foram substituídos por trechos fragmentados sobre o setor evitando conflitos com a classe empresarial. No ano de 2006, na candidatura à reeleição do presidente, a democratização é mais uma vez pautada em um único parágrafo, agora na promessa de estender a todos o acesso à informação como direito. Dentre as diretrizes principais encontrava-se o fortalecimento da radiodifusão pública e comunitária, além do incentivo de produções regionais e independentes, desconcentração dos meios e participação popular nos processos de concessão de outorga de rádio e TV. Tais medidas foram noticiadas pela mídia como censura. O programa de candidatura para o primeiro mandato da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) também precisou ser reformulado para atender às exigências mercadológicas. Uma segunda versão do documento que previa o combate ao monopólio dos meios de informação eletrônicos e o fim da propriedade cruzada foram substituídos por propostas de menor impacto social, limitando-se a destacar a proteção a todas as formas de comunicação.

No ano de 2007 em Brasília, ocorre o 1º Fórum Nacional de TVs Públicas, que mais tarde, a partir dos debates fomentados no evento, impulsionaria a criação da TV Brasil. A televisão pública atrelada ao governo federal por meio da Medida Provisória 398/2007 (transformada na Lei 11.652/2008 após a criação da Empresa Brasil de Comunicação), foi inspirada pela complementaridade de sistemas prevista na Constituição Federal de 1988. Resultado da junção tanto de veículos estatais (Radiobrás e Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto), quanto educativos (TVE de Brasília, Rio de Janeiro, Maranhão e São Paulo), a TV Brasil chegou a ser alvo de críticas por parte da mídia comercial devido à baixíssima

audiência, enquanto que para pesquisadores e sociedade a televisão poderia simbolizar um avanço democrático (SILVA, 2021).

O fato é que, para ser uma televisão realmente democrática, a TV Brasil precisaria não só de um alcance mais expressivo, mas da participação pública. Seguindo o modelo de sistemas de radiodifusão públicas ao redor do mundo, a televisão nacional adotou dois dispositivos de representação civil em seu regimento: o conselho curador e a ouvidoria.

A ouvidoria constitui-se como um canal de comunicação para recebimento de manifestações públicas, críticas, análises de conteúdo e mediação de diálogo com a empresa (CARTILHA DO CONSELHO CURADOR, 2015). Já ao conselho curador composto por 22 membros – sendo 15 parte da sociedade civil indicados via consulta popular, quatro do Governo Federal, dois do Congresso Nacional (Câmara e Senado) e um membro da EBC – caberia a tomada de decisões de interesse público na produção das editorias.

Vale destacar que o mandato dos membros teria a duração de quatro anos, exceto o representante da EBC (o qual o mandato seria de dois anos) de nomeação decisória por parte da presidência da República (SILVA, 2021). A primeira equipe do Conselho foi empossada em 2015, mais de um ano após indicação, durante o governo Dilma Rousseff (PT). Como contribuições dessa participação pública ao jornalismo da EBC, podem-se destacar a formação do Comitê Editorial de Jornalismo, o plano de cobertura das eleições nos anos de 2010, 2012 e 2014, além da promoção de debates com a sociedade em seminários e reuniões (SILVA, 2021).

Mesmo diante dos visíveis avanços em direção a um sistema de comunicação mais participativo para os cidadãos, a EBC apresentou fragilidade devido a vinculação à Secretaria de Comunicação e Presidência da República. Com a nomeação e exoneração dos diretores executivos por parte do presidente da República sem uma determinação de critérios para tais decisões, ficou evidenciada a busca e manutenção de indivíduos alinhados aos interesses políticos do principal representante do país.

O ápice do processo de êxito de uma comunicação pública no país se deu dois dias após o golpe contra a ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016. Com a posse do então presidente Michel Temer em setembro de 2016, foi publicada a Medida Provisória de número 744 (transformada na Lei 13.417/2017) na qual exonerava o

Conselho Curador e removiu o mandato fixo do diretor presidente da empresa (SILVA, 2021). Silva (2021) destaca ainda que após a MP é escancarada a instabilidade das nomeações para o cargo mais importante da EBC.

Na transição entre o governo Temer e Bolsonaro, os ataques à EBC foram intensificados. Ainda no período de pré-campanha, o então candidato à presidência pelo Partido Social Liberal (PSL) se pronunciou em diversos momentos a favor da extinção da estatal. Em 2021, já eleito presidente, Bolsonaro assinou o Decreto Presidencial de 9 de abril, que recomendava a venda da empresa à iniciativa privada sob o argumento que a mesma trazia mais despesas que ganhos. No final daquele mesmo ano, era esperada a realização de uma consultoria visando a definição do destino da EBC, que incluía desde a comercialização de emissoras e imóveis até sua completa extinção. Movimentos sindicais de jornalismo à época entraram em greve por 19 dias afim de pressionar pela retirada da EBC do Programa Nacional de Desestatização (DIPLOMATIQUE, 2022).

Para além da ameaça de fechamento, a EBC ainda enfrentou interferências em sua programação pelo governo federal²⁶. No ano anterior, a EBC havia sido investigada pela CPI da Covid-19 devido à disseminação de teorias negacionistas prejudiciais ao combate do vírus. Somados a isso, foram contabilizadas as mais de 200 denúncias de censura e ocupação ilegal da grade por propaganda governamental entre os anos de 2020 e 2021, número este superior ao relatado no governo Temer (2018). O jornalismo de interesse público também foi afetado. A retransmissão de programas governamentais e entrevistas a apoiadores do governo ocuparam cerca de 30% da grade (DIPLOMATIQUE, 2022).

3.2 A comunicação comunitária e seu apagamento no debate das políticas de comunicação

A complementariedade entre sistemas de comunicação presente na Constituição Federal de 1988, na prática, está mais próxima de uma utopia. O fato é que em um país dominado pelo sistema comercial concentrado nas mãos de empresários e políticos, à comunicação livre, comunitária e alternativa é dada menor

²⁶ Disponível em <https://diplomatique.org.br/censura-propaganda-oficial-e-ameaca-de-extincao-rondam-a-ebc/>, acesso em 10/02/2023

importância. Nem mesmo a legislação tem sido favorável a existência de uma comunicação popular: o excesso de burocracias e restrições, além da perseguição e criminalização têm sufocado o real acesso à participação da sociedade civil, comprometendo a pluralidade e diversidade cultural (INTERVOZES, [s.d.]).

Conforme debatido na seção anterior, as discussões no Brasil sobre políticas públicas para a comunicação têm favorecido predominantemente a mídia comercial. Questões como regulação e regulamentação tornam-se o centro nesses debates e por esta razão, acabam por excluir a comunicação popular ou comunitária, que por vezes, recorre à apropriação de meios alternativos como alto-falantes, cartazes e panfletos. Esse fator ocasionou no julgamento da comunicação popular como restrita e sem importância quando comparado ao alcance dos meios de comunicação de massa (PERUZZO, 2008).

Cabral Filho (2011) denuncia o descaso sofrido pelas rádios comunitárias, por parte do governo, e a inviabilidade de seu pleno funcionamento com os fechamentos arbitrários, apreensão de materiais sem devolução e prisões de lideranças pela Polícia Federal, por ordem da ANATEL. Para além dessas desvantagens em relação às rádios privadas e estatais, Cabral Filho (2011) atenta para as chamadas “armadilhas” no texto da Lei 9.612: uma delas está presente na limitação de ganhos financeiros dessas rádios, restringindo aos apoios culturais.

Mesmo diante da promulgação da Lei 9.612/98 (Lei da Radiodifusão Comunitária) e da regulamentação tardia do Conselho de Comunicação Social, 14 anos após o previsto na Constituição Brasileira, Peruzzo (2008) salienta que o país ainda está longe de uma verdadeira democratização da comunicação. Segundo a autora, várias reivindicações do Conselho, dentre elas o fim dos oligopólios e a incorporação da transmissão de canais comunitários na televisão, jamais chegaram a ser implementadas, prevalecendo o modelo conservador de benefício aos grupos de mídia já dominantes, mesmo após mandatos de governos de esquerda. Peruzzo (2008) ressalta ainda que, apenas o amadurecimento de propostas voltadas para o setor comunitário pode indicar um real reconhecimento da representatividade da esfera popular da sociedade e de sua colaboração para uma comunicação de fato democrática. Enquanto tal reconhecimento não ocorre, as demandas do segmento comunitário têm sido coordenadas por organizações civis como: a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRAÇO), a Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC) e a Associação Brasileira de Canais Comunitários (ABCCom).

Cabral Filho (2011), por sua vez, chama atenção para a necessidade das rádios comunitárias em todo o Brasil:

sejam tidas como capazes e legítimas para assumir o controle dos meios, dentre outras iniciativas, no qual o público se faça distinto no estatal, na medida da autonomia nos processos de gestão e, por consequência, de programação e produção, mas também distinto do sistema privado, na medida em que não se tratam de iniciativas orientadas ao lucro e ao aumento da audiência como meta prioritária. Portanto, como parte integrante e constitutiva do sistema público de comunicação, as rádios comunitárias existentes no país reivindicam para si uma autonomia que viabilize suas atividades, bem como afirme a contribuição para um desenvolvimento humano e social que compreende as comunidades como sujeitos dos processos locais e na relação com iniciativas e movimentos afins (CABRAL FILHO, 2011, p. 20).

3.3 Dialogismo como real participação

Antes de quaisquer considerações, é importante frisar que a comunicação comunitária é caracterizada não pelo seu alcance, licença de funcionamento ou modo de produção artesanal e sem qualificação, conforme concluíram Cocco e Caimi (2021). A comunicação comunitária só pode ser de fato assim chamada quando nascida do enfrentamento político em relação ao modelo de comunicação predominante, além de ser ocupada pelas classes subalternas, seja para externar sua visão de mundo ou mesmo para denunciar violações de direitos. A comunicação comunitária, portanto, não se resume apenas a um movimento político, mas está ligada também a raízes pedagógicas, tendo em vista que educar para a liberdade do pensar criticamente é um de seus objetivos. E é aí onde entram as contribuições do pensamento freiriano. Base para os principais movimentos populares nas décadas de 1970 e 1980, as publicações de Freire (que não se limitaram às temáticas escolares) influenciaram a formulação de propostas de uma comunicação mais democrática em toda América Latina. Cabe, no entanto, acrescentar que:

Freire não se preocupou em estudar especificamente os fenômenos e as práticas midiáticas. No entanto, refere-se explicitamente à problemática mais ampla da comunicação humana, de modo que é possível inferir, de suas concepções pedagógicas, uma crítica às formas sob as quais se configuram os meios de comunicação de massa e indicações acerca das possibilidades pedagógicas abertas pelos meios alternativos e comunitários (COCCO E CAIMI, 2021, p.7).

De uma forma geral, Freire(2203) não demonizava os meios de comunicação em si, e sim as ideologias neles envolvidas, a serviço de quem e contra quem são

utilizados, destacando que eles podem ser até mesmo ferramentas dialéticas, desde que haja interesse por parte dos donos da mídia:

A chamada unidirecionalidade do canal de comunicação é algo muito discutível. A televisão, por exemplo, não é necessariamente, imutavelmente, unidirecional (...). Pode-se usar a televisão com ida e volta. (...) Através do telefone, inclusive. Quer dizer: as soluções técnicas podem ser facilmente encontradas pelos homens e pelas mulheres de televisão, que são os especialistas nisso. O problema é, de novo, esse: quem tem o poder sobre os meios de produção? (FREIRE, 2003, p.25-26).

Para ilustrar o que Freire pontua sobre “quem tem o poder sobre os meios de produção?”, uma pesquisa publicada pelo Monitoramento da Propriedade da Mídia (*Media Ownership Monitor/MOM*) em 2017, revela que os 50 meios de comunicação com maior audiência do Brasil pertencem a 26 grupos econômicos. Nove são do grupo Globo (que sozinho, detém mais da metade do total da audiência televisiva), cinco do grupo Bandeirantes, cinco do bispo Edir Macedo (dono da Rede Record e meios de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus), quatro da RBS e três do grupo Folha. Como se esses números não fossem o suficiente, em oposição à Constituição, cerca de 32 deputados federais e oito senadores controlam a mídia comercial, ainda que não nominalmente. O resultado disso é a ausência da pluralidade de opiniões, valores, e principalmente, vozes.

A palavra ocupa um lugar central nos estudos de Freire, pois é a partir do falar que o homem afirma sua condição humana, se posiciona no mundo, cria e se expressa. Privá-lo desse espaço de fala, requisito para comunicação, seria equivalente a desumanizá-lo, visto que “a existência humana não poderia ser silenciosa” (FREIRE, 2017, p.108). Dessa maneira, comunicação não deveria ser privilégio de alguns, ainda que na relação dominante *versus* dominado ela seja um instrumento de opressão. A comunicação passa a ser sinônimo de coparticipação e protagonismo, onde qualquer transmissão monologal é chamado “comunicado” (RIBEIRO, 2013). Assim Cocco e Caimi (2021) ressaltam que:

Nessa relação dual entre dominantes e dominados, assim entendida por Freire, alguns dizem a palavra e outros, docilmente, enquanto espectadores, tendem a ouvir, a esperar pacientemente. Aos oprimidos é-lhes negada a palavra, ou os espaços para que sua palavra venha a tornar-se socialmente audível. Expropriados de seu bem mais precioso, daquilo que o faz homem, a palavra, o indivíduo apequena-se e é transformado em depósito da palavra do outro, do conhecimento do outro, dos sentidos dados ao mundo pelo opressor. Quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam em coisas, em algo como se fossem inanimados. Coisas porque, despidos de sua dimensão mais própria, convertem-se em depósitos de “comunicados” (COCCO E CAIMI, 2021, p.11).

Enquanto o receptor na relação antidialógica é colocado como um depósito de ideologias do dominador apático à realidade que o cerca, Freire (1977) complementa que o emissor se esforça para transmitir uma informação como um dado encerrado e inquestionável. A permanência desse modelo unilateral resulta na alienação, além de ser mecanicista e autoritária. São quatro os elementos que Paulo Freire elenca como basilares do antialogismo na comunicação: a *conquista*, a *divisão para perpetuação da opressão*, a *manipulação* e a *invasão cultural*.

A conquista é caracterizada pela subalternidade das massas, tenha ela sido instaurada pela repressão ou mascarada paternalmente. É basicamente o aceite passivo das “verdades” transmitidas pelo opressor nos meios de comunicação. Já a divisão, consiste na rivalidade criada pelos meios de massa entre os próprios grupos oprimidos, a fim de enfraquecer o coletivo eliminando possíveis ameaças ao poder vigente. A manipulação, por sua vez, está bastante ligada à conquista, onde a elite se vale dos meios de massa para impor sua versão da realidade enquanto distrai e anestesia o público. Freire (1977) afirma ainda que esse tipo de manobra incute na cabeça dos oprimidos que os opressores são superiores, colocando-os como modelo de comportamento a ser seguido, configurando em uma invasão dos valores do “superiores” nos “inferiores”.

Cocco e Caimi (2021) observam que Paulo Freire adota uma postura política muito clara em defesa de um processo educativo-comunicativo que gere transformação social e que:

Propicie ambiente favorável à formação do sujeito autônomo, capaz de pensar criticamente e não somente memorizar e repetir. Para ele, um processo educativo que alcance tal intento só é possível na medida em que se reconheça a educação e a comunicação como situações gnosiológicas, fundamentadas em uma relação marcada pelo respeito e pela consideração aos saberes do outro e em torno de situações reais, concretas e existenciais. Ao propor o rompimento dos fluxos unilaterais de comunicação, a interação (emissor-receptor) tende a converter-se em uma situação epistêmica, abrindo caminhos para um pensar problematizador, que se dá a partir do diálogo comunicativo, no campo da comunicação. Somente na comunicação – e não na extensão – a vida humana tem sentido. Interação não se dá por um emissor que fala e um receptor que escuta, mas significa encontro entre sujeitos que compartilham experiências, de forma presencial, ou mesmo hoje, ainda que seja a distância, por meios artificiais e mediados pelo objeto de conhecimento, ressignificado constantemente. (COCCO E CAIMI, 2021, p. 14)

Por fim, Freire (2017) apresenta alguns princípios do modelo de ação dialógica, princípios estes que repercutiram nas propostas de criação das rádios comunitárias em toda América Latina. São eles: a *co-laboração*, a *união para libertação*, a

organização e a síntese cultural. A co-laboração é a peça fundamental para que haja a comunicação, ela é o encontro entre oprimidos que, a partir da fala livre de manipulação e silenciamento, se reconhecem para juntos mudarem o mundo. É necessário sublinhar que nessa relação não existe o sujeito dominante e o dominado, ambos estão em condição de igualdade. Na *união para libertação*, a partir da descoberta de si e do reconhecimento de seus iguais, os indivíduos se unificam pelo rompimento com os opressores e transformação da realidade injusta. Já a *organização*, como o próprio nome já diz, implica em um arranjo das massas em prol de sua libertação, sem imposição e sem aglutinação desordenada. Por fim, a *síntese cultural* em oposição à invasão cultural, promove a integração dos indivíduos para a superação da cultura alienante do opressor.

No capítulo seguinte, vamos discorrer sobre a conceituação de Comunicação Comunitária. Resgatamos as origens das comunicações dos movimentos populares, desde a ditadura militar no contexto latino-americano, passando pelas discussões em volta dos conceitos e relações de poder interno e externos aos grupos sociais (PERUZZO, 2004). Também trazemos a discussão sobre a noção de comunidade em um mundo globalizado, apontando para as possibilidades de articulação em busca do bem coletivo por meio da utilização das tecnologias da informação (PAIVA, 1998).

4 COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

A discussão sobre a complementaridade dos sistemas público, estatal e privado no capítulo anterior mostra como o sistema de comunicação brasileiro, historicamente constituído por iniciativas privadas, deixa de fora institucionalmente a preocupação com uma comunicação comunitária, voltada para o exercício da liberdade de comunicação e cidadania. Neste capítulo, trataremos um apanhado histórico situando o surgimento das primeiras iniciativas comunitárias, suas características e aproximações com a teologia da libertação e ideais freireanos.

4.1 Uma comunicação em prol da justiça social

Fruto dos movimentos populares em prol da vida e da justiça social, a comunicação comunitária surge no Brasil, a partir da tomada de consciência por parte da “massa” do desequilíbrio social capitalista, da posterior insubordinação às classes dominantes e do encorajamento à luta. Nos anos que seguiram o fim da ditadura no Brasil, em especial nas décadas de 1970 e 1980, multiplicaram-se o número de manifestações sociais e sindicais, outrora mantidas emudecidas pelo regime. Diversos fatores são atribuídos ao fenômeno da comunicação comunitária no país, entre eles o entendimento da precariedade vivida por parte das classes desfavorecidas e a compreensão da força coletiva como recurso de interferência nas decisões do poder público.

As limitações e contribuições dessa coletividade dividem opiniões nos debates teóricos, que ora julgam como um potencial corrosivo ao monopólio do Estado, ora interpretam como uma articulação minguada e de baixa aderência, visto que nem todos os pertencentes a determinado grupo envolvem-se ativamente e detém formação política. Peruzzo (2004) acrescenta a essa dualidade de pensamentos, as noções de subordinação e cooperação, no tocante a autossuficiência dos movimentos. Na subordinação, em uma abordagem leninista-marxista, as mobilizações exerceriam um papel secundário incapaz de alcançar esferas maiores e, por isso, necessitariam estar apoiadas por um partido político, cabendo a este último a função de revolucionar aquela realidade. A cooperação, por sua vez de perspectiva gramsciana, considera de igual importância as articulações originadas pela sociedade

civil e os sindicatos. Para o filósofo e político italiano, a partir dos conceitos de superestrutura²⁷ e hegemonia²⁸ é possível entender a dimensão dos movimentos sociais, capazes de colocar em crise a supremacia do grupo dirigente quando este passa a não atender as demandas da coletividade. Desde que saiba como resolver os problemas coletivos outrora apontados, a classe até então subalternizada pode, apoiada na fissura aberta da supremacia, chegar a tornar-se dirigente.

4.1.1 Comunicar para a liberdade: inspirações teológicas

O caráter libertador da comunicação popular no contexto latinoamericano não pode ser isolado dos setores da igreja católica adeptos à Teologia da Libertação²⁹ e tampouco, das ideias do educador Paulo Freire. Este último, partiu do contexto vivido no país nas décadas de 1960 a 1980, marcado pelo autoritarismo, desigualdade social e manipulação político-ideológica para elaboração de suas notáveis colaborações, conforme destaca Peruzzo (2017). Para além da temática da alfabetização e das questões escolares, os pressupostos de Freire se tornaram basilares para a articulação e valorização do povo enquanto sujeito. Defendendo a educação como formadora do pensamento crítico, Freire compreendia que o protagonismo (e posterior mudança social), só seriam possíveis por meio da leitura de mundo, leitura esta, mais complexa que a mera junção de caracteres. Somente tendo a noção do mundo a nossa volta somos capazes de problematizar e interferir, além de romper com o estado de alienação e manipulação das classes dominantes. Incentivadora da atitude crítica em detrimento da subordinação no contexto ditatorial, a comunicação popular germinou a partir das sementes da pedagogia libertadora, trazendo para a práxis cotidiana o princípio da consciência-organização-ação como forma de minar a influência da mídia comercial. Ademais, para Freire a comunicação era peça fundamental na diferenciação entre o homem e as “coisas”, pois é a partir da

²⁷ A superestrutura, segundo Gramsci, seria a totalidade da sociedade, que se divide na “sociedade política ou Estado” e “sociedade civil”.

²⁸ Direção social e moral exercida por um grupo (político) em toda a sociedade (superestrutura), podendo utilizar de coerção legalmente institucionalizada a fim de disciplinar os indivíduos tidos como “inadequados”.

²⁹ Corrente teológica cristã surgida na América Latina na década de 1960, que tem Jesus Cristo como figura libertadora das injustiças sociais deste mundo. Teve como principal expoente o padre peruano Gustavo Gutierrez.

verbalização que se quebra o estado de passividade, portanto, negar esse direito aos indivíduos equivalia a não considerá-los como gente. Em síntese, Peruzzo afirma que:

Muitos autores latino-americanos que tratam dessa comunicação, bem como da comunicação para o desenvolvimento e mudança social e das relações entre Educação e Comunicação, se fundamentam em concepções de Paulo Freire ou, pelo menos, partiram de suas ideias. As práticas sociais, por sua vez, ecoam em diferentes regiões e experiências, os princípios do diálogo, do protagonismo popular, da participação horizontal, da criticidade e de educação emancipadora, principalmente, em se tratando da educação não formal e informal (PERUZZO, 2017, p. 8-9).

Juntamente com a movimentação causada pela pedagogia libertadora freireana, na Igreja Católica entravam em ação as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), “uma espécie de mistura de aspirações socialistas e valores cristãos novidadeiros” (SILVA e BARBOSA, 2020). À parte do seio tradicionalista católico, as CEBs protagonizaram verdadeiras mudanças sociais e políticas durante a redemocratização do país e da América Latina como um todo, nos anos de 1960 a 1990. Inspirados em pautas progressistas da teologia da libertação, esses centros encontraram nas periferias, solos férteis para a implantação de valores em defesa da vida e da liberdade de expressão com base no Evangelho. Ao passo em que aconteciam reuniões expositivas da Bíblia, eram trazidas para debate as necessidades das comunidades de atuação das CEBs, que reuniam seus membros para solução de problemas locais, como pequenos reparos em estradas, ou até mesmo, construção de postos de saúde. Conforme afirmou Michael Löwy (SILVA e BARBOSA, 2020, p.397), “o sofrimento comum e a esperança da salvação eram os componentes principais da cultura política/religiosa das comunidades eclesiais de base”, sofrimento este que não se limitava apenas ao aspecto econômico, mas qualquer tipo de violação de direitos.

É importante salientar que as CEBs não foram as únicas movimentações religiosas de luta e emancipação popular cristãs. A historiadora Maria de Lourdes Stomio Stein (MIANI e AKAMATSU, 2020, p.5) destaca a atuação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Pastoral Operária (PO), ambas católicas progressistas, essenciais para a orientação dos trabalhadores pela justiça social. O fato é que essas comunidades de fé libertárias transformaram as relações sociais e trabalhistas por meio da comunicação popular, engajando pobres na superação das opressões com ajuda da fé. Dentre os veículos utilizados na propagação desses ideais, destacam-se os boletins também conhecidos como “informativos de porta de

fábrica”, a exemplo do “A Voz do Trabalhador”, editado em Curitiba/PR no período de 1981 a 1986. Distribuídos nas ruas e nas entradas das indústrias, os folhetins problematizavam a precariedade de condições e os injustos salários, alcançando desde os funcionários até os grandes empresários, que pressionados pelas manifestações de rua, modificaram algumas dinâmicas de trabalho.

4.1.2 Sobre terminologias

A utilização das terminologias referentes ao fenômeno da comunicação popular pode ser, por vezes, confusa. Dentre os adjetivos comuns, pode-se citar *comunicação alternativa, comunitária, radical, horizontal*, dentre outros termos a depender do enfoque dado, porém sempre referindo-se àquela produzida pelos indivíduos menos afortunados articulados em prol da justiça social. Segundo Peruzzo (2009a), nas últimas décadas o termo mais adotado pelos estudiosos tem sido o de *comunicação comunitária*. A grande problemática envolvendo essa variedade é que, ao mesmo tempo em que termos diferentes se emaranham, podem corresponder a realidades distintas. De uma forma geral, todas as expressões anteriormente citadas estão conectadas pela luta por transformação e protagonização dos indivíduos (KAPLÚN, 1985). Mas vamos nos aprofundar nas terminologias mais citadas para analisar as principais divergências e pontos de contato, de cada uma delas.

A primeira das expressões é a *comunicação alternativa*, inicialmente utilizada entre as décadas de 1960 e 1980. Apesar do uso recorrente em substituição à *comunicação popular*, esta nem sempre representa os anseios do povo. Historicamente surgida durante a ditadura militar, a imprensa alternativa na verdade correspondia aos tabloides de esquerda que se opunham ao regime, e ecoavam as vozes da pequena e média burguesia brasileira. De uma maneira geral, esse tipo de *comunicação* servia como uma fonte de informação de perspectiva diferente dos fatos apresentados pelos militares.

No que se refere ao uso das terminologias *comunicação popular* e *comunitária*, Peruzzo (2009a) salienta que há mais diferença entre as emissoras autodenominadas “do povo” – mas que funcionam na lógica comercial – que entre os termos em si. Essas emissoras até podem reportar denúncias e casos de interesse público, mas não podem ser considerados “aliadas” das pessoas de contextos populares. A

problemática envolvendo os meios comerciais se dá devido tanto às possíveis manipulações por parte dos veículos quanto à falta de interesse pela emancipação cidadã. A comunicação popular e comunitária pode ser interpretada de várias formas, mas o que está na centralidade é o entendimento de que a comunidade exerce o protagonismo da comunicação, que é feita “por” e “para” essa comunidade.

Tratando em particular da comunicação comunitária, esta poderia ser definida como um desdobramento da popular. A primeira, aplica princípios da última, acrescida do vínculo da localidade, participação na programação e transmissão de conteúdos, por exemplo. Entretanto, vale deixar claro que nem toda comunicação local se trata de comunicação comunitária, no caso de a mesma reproduzir a lógica comercial na comunidade em que pertence. Ou seja, para além do identitarismo, acrescenta-se a não-lucratividade e horizontalidade das relações entre emissores e receptores. De forma geral, a autora sublinha que:

(...) a comunicação comunitária – que por vezes é denominada de popular, alternativa ou participativa - se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter – preferencialmente - propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de desenvolver a educação, a cultura e ampliar a cidadania. Engloba os meios tecnológicos e outras modalidades de canais de expressão sob controle de associações comunitárias, movimentos e organizações sociais sem fins lucrativos. Por meio dela, em última instância, realiza-se o direito de comunicar ao garantir o acesso aos canais de comunicação. Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor – tão presente quando se fala em grande mídia –, mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de produtor e difusor de conteúdos (PERUZZO, 2009a, p. 55-56).

4.2 Sobre participação e o uso do termo “popular”

Antes de adentrar de fato na temática da comunicação comunitária, Peruzzo (2004) salienta o enfoque relacional que ela requer. Enquanto o estudo da comunicação privada recai sobre os meios, canais e mensagens, o popular repousa sobre o conflito entre classes e resistência, por isso, a necessidade de uma investigação mais ampla e contextualizada. Surgidos a partir da insatisfação coletiva por vezes ignorada pela grande mídia, os meios de comunicação popular nasceram atrelados aos movimentos sociais de base, que como forma de ruptura com as instâncias governamentais, buscaram alternativas de propagação dos seus ideais. Cartazes, folhetins, fanzines, alto-falantes, peças de teatro, rádios-poste são apenas

alguns exemplos de veículos independentes do controle empresarial feito pelos donos da mídia comercial. Faz-se necessário destacar que a característica principal da comunicação comunitária é a participação objetivando a mudança social diante de um problema identificado na comunidade.

Mas o que é participação e como ela se dá nesse tipo de comunicação? Bordenave (1994) insere a temática da participação relacionando ao poder transformador a partir da tomada de decisão em determinado contexto, tendo como seu antônimo a marginalização. É do descontentamento geral e da falta de possibilidade de intervenção em cenários que afetam a realidade de uma maioria quantitativa que nascem as associações, fenômeno inato aos seres humanos. Categorizada em níveis, a participação nos movimentos sociais na verdade, reservam o desejo íntimo pela autogestão, que segundo o autor, poderia ser descrita como:

(...) uma relativa autonomia dos grupos populares organizados em relação aos poderes do Estado e das classes dominantes. Autonomia que não implica uma caminhada para a anarquia, mas, muito pelo contrário, implica o aumento do grau de consciência política dos cidadãos, o reforço do controle popular sobre a autoridade e o fortalecimento do grau de legitimidade do poder público quando este responde às necessidades reais da população (BORDENAVE, 1994, p. 20-21).

Expressa de diversas maneiras, Bordenave (1994) sublinha que no plano da macroparticipação – ou seja, aquela que não se limita à articulação em prol de benefícios próprios, e sim, objetiva a mudança social – existem maiores e menores graus de intervenção por parte dos chamados “subordinados”. O menor dentre eles seria o da *informação*. Na informação, o subalterno é comunicado a respeito de decisões já tomadas por parte dos dirigentes, a depender do modelo de gestão pode-se haver uma reconsideração por parte destes últimos quanto à reação daqueles primeiros, ou mesmo, a negação ao direito de reagir. O próximo grau é o da *consulta facultativa*, em que se há uma abertura por parte dos dirigentes em solicitar ocasionalmente a opinião dos subordinados em relação a processos passados ou futuros. Quando a consulta é *obrigatória*, a participação dos subordinados restringe-se a certos processos, porém mantendo-se a decisão final como atributo apenas dos gestores. Bordenave (1994) exemplifica a consulta obrigatória com a negociação patrão x empregado em questões financeiras. Ainda que o patrão opte por escutar as sugestões de seu funcionário, cabe somente à chefia acatar ou não. Bem próximo às consultas, encontra-se o próximo grau, da *elaboração/recomendação*, onde subordinados recomendam medidas que podem ser aceitas ou não pela

administração, com a diferença de que se faz necessário justificar a posição tomada pelos empregados.

Na *cogestão*, por sua vez, conta-se com a presença de comitês e conselhos nas tomadas de decisões de uma administração compartilhada. Já a *delegação*, apresenta uma limitada autonomia por parte dos administrados em determinadas situações pré-definidas. Mais uma vez a decisão final é de responsabilidade e privilégio dos cargos mais altos. Por fim, o degrau mais alto de participação é a *autogestão*, que não demanda o consentimento de uma autoridade externa, pois nela não há distinção entre administradores e administrados.

Peruzzo (2004) divide a participação popular em quatro seções. A primeira delas é a *participação passiva*, em que a posição do indivíduo se enquadra na função de espectador. A autora ressalta que a mera opção por não se comprometer ativamente com uma causa e delegar o poder a terceiros já é em si um posicionamento, que por si só fortalece ainda mais a verticalização das decisões. Em segundo lugar, a participação *controlada* pode ser fruto de conquista ou concedida por órgãos do governo, por exemplo. Nela, se tem abertura para intervenções simbólicas e restritas, que podem até mesmo ser manipuladas. Duas são as principais características dessa modalidade: a *limitação* e a *manipulação*. Como fica evidente nas nomenclaturas, a limitação configura os limites impostos por parte dos detentores do poder em relação à tomada de decisão. Já a manipulação, diz respeito à adequação de demandas segundo os interesses daqueles que estão no poder. No caso dessas divergências não serem respeitadas, a autora revela que a participação pode ser considerada como fachada ou massa de manobra.

A terceira modalidade participativa é a *participação-poder*, ela “é constituída com base em processos que favorecem a participação democrática, ativa e autônoma, propiciando, de modo mais completo, o crescimento das pessoas ou das organizações coletivas como sujeito” (PERUZZO, 2004). De forma resumida, o poder é partilhado, como no caso da cogestão e autogestão já definidas por Bordenave (1994). A última seção é a do *poder compartilhado*, no qual deve ser considerada toda a diversidade existente nos movimentos, além da consciência de que o poder deve vir da base, e não se concentrar em clãs ou pequenos grupos familiares. PERUZZO (2004, p.88), elenca alguns dos atributos desse modelo:

- O poder vem de baixo para cima, sendo detentor dele o próprio movimento, não se admitindo a existência de membros com privilégios "nem famílias reais" ou coronéis;
- Quem está no poder não é dono dele, tendo-o recebido da comunidade, por delegação, entendendo-se o comando como "autoridade ministerial", ou seja, de serviço;
- O delegado deve constantemente prestar contas à base, que ademais, pode depô-lo sempre que o desejar, dentro de regras de jogo preestabelecidas;
- Todos os membros têm direito ativo e passivo ao voto, elegendo seus representantes ou sendo escolhidos como tais; em casos mais radicais, todos são candidatos a ser designados pela base para, em sistema de rodízio, ocupar o comando, mesmo que alguém não seja propriamente um líder nem entenda de administração e gestão.
- Estabelecem-se regras comuns quanto ao exercício do poder - que só se mudam mediante assembleia ou votação geral -, no que diz respeito, por exemplo, à rotatividade, à destituição do cargo, à prestação de contas e ao controle burocrático. (PERUZZO, 2004, p.88- 89).

Segundo Peruzzo (2004, p.20), a participação em sua forma mais avançada tem o potencial de ser “ao mesmo tempo parte de um processo de organização popular, canais carregados de conteúdos informacionais e culturais e possibilitar a prática da participação direta nos mecanismos de planejamento, produção de mensagens/programas e gestão da organização comunitária de comunicação”. Para a autora, essa socialização de conhecimentos e os processos de participação direta ajudam no desenvolvimento das pessoas como indivíduos, pois a partir da apropriação de informações e técnicas é possível desenvolver uma visão mais crítica da sociedade em que se vive e dos sistemas de comunicação de massa.

Assim como se faz necessário esclarecer de que participação estamos falando, é preciso também deixar claro qual o sentido do termo “popular”. Etimologicamente originado da palavra “povo”, o verbete é frequentemente associado à noção de massa despolitizada ou classe subalterna, o que reduz a complexidade de seu significado. Apesar da comunicação popular estar ligada aos movimentos sociais, estes últimos são heterogêneos e podem abranger os mais variados perfis. O povo pode ser definido então como “todo um conjunto lutando contra algo e a favor de algo, com vistas aos interesses da maioria”. Em tempo, três correntes são apresentadas por Peruzzo (2004) a respeito do conceito de “popular”:

- 1 Popular-folclórico – para a primeira corrente o popular está diretamente ligado às expressões artísticas e culturais de um povo, como festas típicas, ritos e danças.

- 2 Popular-massivo – como o nome sugere, está pautado no alcance mediático, e subdivide-se em três ramos de estudo: no primeiro, o popular está na apropriação dos traços culturais de uma comunidade pelos meios de comunicação de massa; no segundo, é sinônimo de mídia “popularesca”, de programas recorde de audiência e de alta penetração. Por fim, o último ramo é pautado por programas massivos voltados às problemáticas locais, denúncias comunitárias, entre outros.
- 3 Popular-alternativo – refere-se à comunicação dos movimentos de base em busca de melhorias para a comunidade e pela emancipação. Divide-se em duas linhas de pensamento: a) a primeira, surgida nos anos 1980, vê na comunicação popular o potencial transformador e revolucionário, sendo este uma alternativa à comunicação de massa, e foi apelidada de “populista esquerdizante” por Jorge González (1993), e b) a segunda, surgida no início da década de 1990, apesar de acreditar no potencial da comunicação, é mais equilibrada ao afirmar que a mesma não pode transformar a realidade ao seu redor de maneira imediata. A comunicação popular, diferentemente da primeira linha, não se opõe à comunicação de massa, visto que a popular se realiza em um espaço próprio.

4.3 Comunicação comunitária e sua ligação com os conceitos de comunidade e resistência

Diante das discussões em torno do entendimento de "povo" levantadas por Peruzzo (2004) e do que seria o "popular" como expressão dessa coletividade, Raquel Paiva (2003) nos introduz nos debates acerca da compreensão de *comunidade*. A princípio a autora destaca a existência de pelo menos três correntes distintas em volta do mesmo objeto, sendo elas a psicológica, a sociológica e a político-filosófica. Na primeira delas a comunidade seria formada por laços sociais dos mais simples aos mais complexos, “de uma amizade íntima até a mera comunhão de ideias” (2003, p.68). Já a perspectiva sociológica opõe a comunidade às relações de sociabilidade nas sociedades capitalistas, aproximando-se de uma ideia “quase imaginária”, conforme observa a autora. Na corrente político-filosófica, o afeto presente nas perspectivas anteriores não se torna um requisito, a conexão entre os indivíduos é

dada a partir da possibilidade de participação nas tomadas de decisões, formulação de propostas e cooperação.

Paiva (2003) acrescenta que o sociólogo Ferdinand Tönnies foi o responsável pela conceituação mais completa do termo em sua obra *Comunidade e Sociedade* (1887), partindo da realidade europeia. Segundo Tönnies (1887), o entendimento de comunidade estaria ligado à territorialidade e as questões afetivas. O autor define a relação entre os membros de uma comunidade como conhecimento e participação nas vidas uns dos outros, em uma cordialidade recíproca, mediada pela linguagem. É a partir desta última em que são verbalizados os afetos e a socialização de ideologias em comum. Na sociedade, por sua vez, seria privilegiada a individualidade, onde no contexto da industrialização, o homem viveria de forma mais mecânica e desconectada com os demais. Para o sociólogo alemão, a comunidade precederia a sociedade, do qual seria tido como “ideal” o retorno à estrutura do passado.

Paiva (2003), ao considerar as atuais organizações sociais, levanta o questionamento em relação à necessidade de a *comunidade* vincular-se à *territorialidade* e ao *afeto*. Com o advento dos meios de comunicação, barreiras espaciais tornaram-se cada vez menos importantes, transcendendo dessa maneira, os laços que outrora só eram estabelecidos entre indivíduos vizinhos.

Nesse sentido, o que se observa é o declínio, cada vez mais evidente, de importância da comunidade local. A identificação territorial, que para a cidade e a nação tem sido historicamente importante, cede lugar a identificações - o que é fundamental para a existência da comunidade - pautadas por outros referentes, como ideologia, classe social, etc. (PAIVA, 2003, p. 72).

Por uma perspectiva comunicacional, em um cenário em que as informações são monopolizadas pelos meios comerciais com suas versões dos fatos lançadas como “oficiais”, o exercício da comunicação nas comunidades surge como alternativa em meio a um excesso informativo que por vezes, em nada acrescenta àquela realidade. Conectados por causas em comum e inseridos em contexto determinado, esses veículos possuem o poder de interpretar a realidade que os cerca, focando nos aspectos que de fato os atravessam. Na mesma direção de Paiva(2003), Jesus Martín-Barbero(2008) nos estudos sobre mediação chama atenção para o “sujeito da comunicação”, ser ativo (que tanto pode referir-se a um indivíduo ou a um coletivo) que ultrapassa a simples recepção e produz socialmente diferentes interpretações e significações de mensagens em disputa (MARTINS, 2021). O produto dessa

apropriação dos meios, é capaz de “produzir interferência pelas ‘brechas’” (MARTINS, 2021, p. 275) ou uma espécie de “revanche sociocultural”, como denominou Barbero (2008). Essa “revanche sociocultural” John Downing (2002) trata como contra-informação, mecanismo de resistência utilizado pelas mídias radicais³⁰:

(...) a perspectiva de Gramsci oferece uma nova maneira de entender essa mídia. Numa estrutura em que classes e o Estado capitalista são analisados meramente como controladores e censores da informação, o papel da mídia radical pode ser visto como o de tentar quebrar o silêncio, refutar as mentiras e fornecer a verdade. Esse é o modelo da contra-informação, que tem um forte elemento de validade, especialmente sob os regimes repressores e extremamente reacionários. (DOWNING, 2002, p.49)

Destacando o caráter negociável entre subordinados/subordinadores bem como a instabilidade das hegemonias, Gramsci (2007) teve suas contribuições severamente atacadas por outros pesquisadores, dentre eles o antropólogo James Scott (1992) ao se aprofundar na análise da cultura de resistência contra-hegemônica. Segundo Scott (1992), em grupos de oposição haveria o que chamou de “infrapolítica” ou “transcritos ocultos”, que consistem em declarações privadas de circulação interna para além das declarações públicas contra as classes no poder. Esses transcritos ocultos seriam, portanto, desobediências estrategicamente veladas, conforme expõe Downing (2002):

A infrapolítica, diz Scott, expressa os níveis reais e privados de resistência e raiva, relativos não só à exploração econômica que as pessoas enfrentam, mas também ao “padrão de humilhações pessoais que a caracterizam”, “surras arbitrárias, violações sexuais e outros insultos”. A infrapolítica dos pobres faz eclodir uma série de atos de resistência, alguns muito sutis ao olhar não adestrado, alguns intencionalmente ambíguos, de modo que, mesmo aos olhos vigilantes e adestrados da elite, não seriam suficientes para gerar represálias. Ou, no caso das elites poderosas, a infrapolítica representa seu transcrito oculto de desprezo e raiva aos agricultores pobres (DOWNING, 2002, p. 50-51).

Para Scott (1992), Gramsci (2007) ignora as camadas mais profundas da rebeldia presente na resistência ao focar na superficialidade dos contratos sociais entre adversários, por vezes camuflada por aparente cordialidade.

Dentro do “continente mais além”, Scott situa a lisonja fingida, a estupidez dissimulada, o mexerico hostil, o boato malicioso, os encantamentos mágicos, as ameaças anônimas, as canções, as narrativas folclóricas, os gestos, as anedotas, a rezinga, os incêndios premeditados, a sabotagem, o atraso e a omissão em retornar ao trabalho após o intervalo do meio-dia (DOWNING, 2002, p. 51).

³⁰ Downing (2002) chama de mídia radical alternativa aquela que se opõe à mídia hegemônica e encontra-se na esfera do popular. Peças de teatro, cartazes, internet, além do uso “radical” da televisão e rádio, abarcam a diversidade de atividades exploradas pela categoria.

Scott (1992) classifica a resistência disfarçada como um “modelo vociferante de resistência política” (SCOTT, 1992, p.273), visto que a camuflagem como estratégia permite uma atuação longe de possíveis perigos que poderiam prejudicar os interesses do grupo. As reuniões “inocentes” de indivíduos da mesma comunidade, *shows* culturais e peças teatrais, passam despercebidas dos olhos vigilantes da atividade política explícita, não comprometendo assim, líderes e demais membros.

Se a organização política formal é o domínio das elites (advogados, políticos, revolucionários e chefes políticos, por exemplo), dos registros escritos (resoluções, declarações, notícias de jornal, petições, processos judiciais, etc.) e da atividade pública, a infrapolítica é, por contraste, o domínio da liderança informal e da inexistência de elites, da conversa, da linguagem oral e da resistência sub-reptícia (SCOTT, 1992, p. 274).

De volta a Paiva (2003), a autora lembra que os veículos nas mãos de emissores, que outrora já foram marginalizados, não devem ser classificados como comunitários apenas por sua origem fora da grande mídia, é necessário o comprometimento político e envolvimento total dos indivíduos na produção. A autora cita Ciro Marcondes (1987, p.160) e sua definição de jornalismo comunitário:

(...) é o meio de comunicação que interliga, atualiza e organiza a comunidade, e realiza os fins a que ela se propõe. (...) Um jornalismo comunitário (...) é elaborado por membros de uma comunidade que procuram através dele obter mais força política, melhor poder de barganha, mais impacto social, não para alguns interesses particularizados (anunciantes, figuras proeminentes), mas para toda a comunidade que esteja operando o veículo (PAIVA, 2003, p. 136).

De forma resumida, Paiva (2003) elenca como parte do perfil de um veículo comunitário a leitura crítica das mensagens veiculadas nos *mass media* a fim de identificar o que lhes diz respeito como comunidade e posterior produção de uma narrativa própria; a identificação de problemas na localidade e resposta prática às necessidades; o uso didático das notícias para fins educativos sobre o próprio cotidiano.

Diante dessa caracterização, apresentamos no capítulo seguinte a discussão sobre as rádios comunitárias e a experiência da Voz da Lama, rádio iniciada durante a pandemia do coronavírus na Comunidade do Bode, no Recife.

5 A RÁDIO COMUNITÁRIA DE ANDADA VOZ DA LAMA

As rádios livres surgidas na década de 1970 precederam os movimentos de radiodifusão comunitárias no Brasil. Na época, em plena ditadura militar, dois adolescentes do Espírito Santo ousaram iniciar uma transmissão que pouco depois seria interrompida por militares, devido a uma suposta inclinação comunista (COSTA, 2010). Mais de uma década se passa, e agora em São Paulo, é iniciado o primeiro conselho de rádios clandestinas, que, mais uma vez, seria alvo de ameaças até seu fechamento. Somente em 1985, ano da redemocratização do país é que surgem as rádios libertárias, inspiradas pelos movimentos da Itália e França, visando a descentralização e democratização da mídia. O número de emissoras passaria por uma queda nos anos seguintes, sendo reestabelecido em 1989, com o I Encontro Nacional sobre Rádios Livres organizado pela União Nacional dos Estudantes – UNE. Os anos iniciais da década seguinte foram marcados por conquistas importantes para o setor. Regulamentadas apenas a partir de 1998, pela Lei 9.612, as então rádios livres de baixa potência poderia ser consideradas como "alegais" (PERUZZO E VOLPATO, 2010, p.40), tendo em vista que, à época do seu surgimento, nem mesmo havia leis que pudessem torná-las irregulares. Foi devido à pressão civil que se instituiu o serviço de radiodifusão comunitária brasileiro. Peruzzo e Volpato (2010) destacam que, desde de 1962, o sistema de radiodifusão era regido pelo Código Brasileiro de Telecomunicações (Lei 4.117/62) e demais leis posteriores que, de uma forma generalista, impediam o funcionamento de qualquer transmissão não oficial, ou seja, que não fosse aprovada pelo Congresso e pelo presidente da República.

Com a Lei 9.612/98, uma série de limitações foram impostas, dificultando assim a manutenção e sobrevivência das rádios. As transmissões em Frequência Modulada (FM) estariam autorizadas a funcionar desde que, filiadas a movimentos populares legalmente reconhecidos. Ademais, estariam proibidas a veiculação de publicidades e de acordos comerciais, restringindo as inserções às mensagens institucionais de apoio cultural, e o alcance, ao raio de um quilômetro (potência de 25 watts). Com tantos obstáculos à livre expressão, não é de se admirar o vertiginoso crescimento de rádios comunitárias sem aval de operação e a consequente perseguição por parte da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) e da Polícia Federal. Mesmo assegurados pelo artigo 5º, no inciso IX da Constituição, que

diz ser “livre a expressão da comunicação independente de censura”, o princípio da liberdade é duramente atacado, seja nos fechamentos arbitrários das emissoras, ou na proibição de suas atividades. Com esses obstáculos, um número não calculável de rádios comunitárias funciona no país como observam Santos, Prata e Medeiros (2019, p.137):

Não há qualquer estimativa da quantidade de emissoras de rádio funcionando ilegalmente no Brasil, porém, segundo dados da Anatel, em 2017 foram feitas 1.800 ações de fiscalização específicas para averiguar usos irregulares do espectro ou a prestação de serviços de radiodifusão e de telecomunicações sem outorga. Como resultado dessas ações, 219 estações que funcionavam sem autorização tiveram suas transmissões interrompidas, sendo que 74 dessas tinham características técnicas sabidamente de rádio comunitária, usando transmissores com menos de 25 watts de potência e outras 61 não tiveram potência registrada (SANTOS, PRATA e MEDEIROS, 2019, p.137).

Para além dos trâmites legais necessários para o exercício legal da radiodifusão comunitária, é preciso sublinhar que nem todas as emissoras regularizadas como tal prestam serviços às comunidades. Na prática, há aquelas que seguem reproduzindo os velhos modelos de produção de pautas e comunicação bidirecional da mídia comercial, beneficiando grupos empresariais, políticos e religiosos ao invés da coletividade. Apesar dos entraves, as rádios que genuinamente atuam como comunitárias trazem uma grande contribuição para a coletividade, pois por meio delas é que se tem aberto acesso à participação popular para todo e qualquer indivíduo. Santos, Prata e Medeiros (2019) ressaltam ainda que, desde que estejam sob controle popular e viabilizem a participação da comunidade em diversos níveis, as rádios comunitárias contribuem para o desenvolvimento local e agem como resposta ao oligopólio da mídia, trazendo para o debate e dando visibilidade para agendas populares. Ademais, o acesso às tecnologias da comunicação – capacitação dos cidadãos para operação de equipamentos, redação, locução, sonoplastia e cogestão, por exemplo – tornam pleno o exercício da liberdade de comunicação em detrimento da mera recepção dos conteúdos, além de funcionar como um processo educativo não formal. Para Peruzzo (2007, p. 81-82):

(...) a rádio comunitária contribui para o desenvolvimento, tanto pelas operações econômicas que desencadeia, como pelos conteúdos que transmite e pelo aprendizado que proporciona àqueles que participam do processo de planejamento, criação, transmissão de mensagens e de gestão da mídia popular e alternativa. Portanto, gera a educomunicação comunitária, processo que se refere às inter-relações entre Comunicação e Educação informal (adquirida no dia a dia em processo não organizado) e não-formal (formação estruturada e pode levar a uma certificação, mas difere da educação formal ou escolar).

Peruzzo (2007, p. 81-82) acrescenta que, de uma forma geral:

Participando do processo de fazer rádio, jornal ou qualquer outra modalidade de comunicação comunitária, as pessoas vivenciam um processo educativo que contribui para a sua formação enquanto cidadãos. Passam a compreender melhor a realidade e o mundo que as cercam. Aprendem também a trabalhar em grupo e a respeitar as opiniões dos outros, aumentam seus conhecimentos técnicos, filosóficos, históricos e legais, ampliam a consciência de seus direitos. Desenvolvem a capacidade de expressão verbal, além de conhecerem o poder mobilizatório e de projeção que a mídia possui, em geral simbolizado no atendimento a reivindicações e ao reconhecimento público pelo trabalho de locutores. Aprendem ainda a entender os mecanismos de funcionamento de um meio de comunicação - desde suas técnicas e linguagens, até os mecanismos de manipulação a que estão sempre sujeitos. De posse desse conhecimento, formulam espírito crítico capaz de compreender melhor a lógica da grande mídia. A melhor forma de entender a mídia é fazer mídia (PERUZZO, 2007, p.83-84).

Peruzzo e Volpato (2010) separaram em quatro categorias distintas os tipos de rádio comunitária identificados até o momento no país, são elas: a) as rádios comunitárias de funcionamento legal; b) as rádios livres comunitárias sem outorga; c) as rádios alto-falantes ou rádios-poste, que transmitidas pelo instrumento cujo nome leva, não necessita de concessão; e d) as rádios comunitárias virtuais, propagadas pela internet e nas plataformas digitais. As rádios de funcionamento legal são geridas por organizações sociais locais e atendem a uma restrita área de transmissão em frequência modulada de baixa potência, são regidas pela lei 9.612/1998 e regulamentadas pelo decreto 2.615/1998. As rádios livres sem outorga, por sua vez, se assemelham ao modelo anterior com a diferença de não possuírem autorização para o funcionamento. Embora sejam denominadas “piratas” ou “clandestinas”, não o são, tendo em vista que não escondem endereço e frequências em que transmitem sua programação. As rádios-poste, tal como as comunitárias anteriormente citadas, são de difícil contabilização devido a extensão continental do país e as especificidades regionais (MESQUITA e MUSTAFÁ, 2021). Característica de comunidades pequenas que, muitas vezes, não têm acesso a outras mídias, a distribuição do conteúdo de áudio é feita em caixas de som instaladas em poste, e a depender da localidade de funcionamento, pode ser regulamentada ou não³¹. As chamadas rádios virtuais, por sua vez, são diferentes das webrádios, segundo terminologias aplicadas por Fernando Kuhn (PERUZZO, 2006, p.119): as “webrádios” são emissoras que irradiam pelo dial e que também possuem transmissão online, e as “virtuais”, que existem apenas na

³¹ No estado do Maranhão, por exemplo, as rádios-poste são reguladas pelo Serviço de Publicidade Alternativa de Linha Modulada, segundo as autoras Mesquita e Mustafá (2021).

internet. O autor lembra ainda que “toda rádio virtual é uma webrádio, embora uma webrádio não seja necessariamente uma rádio virtual” (PERUZZO, 2006, p.119). Diante das classificações de rádio comunitária definidas por Peruzzo(2006), se faz necessário destacar que ao longo desta pesquisa introduziremos mais uma categoria, capaz de contemplar A voz da Lama, nosso objeto, que não se enquadra totalmente naquelas listadas por Peruzzo e Volpato (2010).

A categoria de andata, assim nomeada pelos integrantes da Voz da Lama, corresponde à rádio comunitária que se desloca até seus ouvintes, tornando sua programação acessível às pessoas que não possuem aparelhos de rádio ou mesmo onde as ondas de uma rádio-poste, tão limitada geograficamente, não chegaria. Não tendo necessidade de ser sintonizada, é incorporada ao dia a dia de forma natural. Ela é caminhante no sentido literal da palavra, circula por ruas e becos, mas pode também flutuar sobre as águas dos rios.

5.1 A Voz da Lama

A rádio de andata Voz da Lama é um projeto da Livroteca Brincante do Pina, organização social de arte, cultura e educação situada no bairro do Pina, no Recife (PE). Nascida de um sonho antigo de comunicar temas de interesse das comunidades que compõem o bairro, apenas em 2020 o plano saiu do papel. À época, no auge da crise sanitária do novo coronavírus e também de uma enxurrada de notícias falsas envolvendo a recém descoberta doença, os idealizadores do projeto (Kcal Gomes e Igor “Shell”, fundador e secretário da Livroteca respectivamente, Pedro Stilo, comunicador popular, entre outros) se reuniram para planejamento do primeiro episódio, com apoio da jornalista voluntária Beatriz del Corte (intercambista das Ilhas Canárias) no roteiro e Antoine Kbioch (intercambista francês) na produção. No Studio 16, de Antoine Kbioch, localizado no bairro do Pina foram gravados e mixados os dois primeiros episódios da Voz da Lama, cada programa totalizando 24min29s e 35min02s respectivamente, transmitidos ainda naquele ano. O estúdio do Núcleo de Comunicação Caranguejos Pensantes, onde seriam produzidos os episódios seguintes, só seria montado um ano depois, em 2021, através de uma vaquinha

virtual, *live* musical³², pedágios para compra de equipamentos (ar-condicionado, mesa de som) e da aquisição das caixas doadas por Antoine Kbioch antes de regressar ao seu país de origem. Logo, a pequena sala ao lado do salão social do bairro, localizada num primeiro andar daria lugar ao setor de comunicação social da Livroteca e abrigaria de maneira alternada cerca de 40 voluntários entre moradores e parceiros de outros projetos sociais.

FIGURA 1 – GRAVAÇÕES NO STUDIO 16, ONDE FORAM PRODUZIDOS OS PRIMEIROS EPISÓDIOS DA VOZ DA LAMA.



Fonte: Divulgação Instagram da Livroteca Brincante do Pina.³³

O aumento desenfreado do número de pessoas contaminadas, a rápida propagação da Covid-19 e um governo federal omissivo nos cuidados expôs a população a outro vírus igualmente perigoso: as *fake news* envolvendo o uso de

³² O grupo Sem Pretensão, composto por Kcal Gomes e outros membros da Livroteca, realizou pelo Youtube uma *live* revisitando clássicos do forró para construção do estúdio, no ano de 2017. Parte dos instrumentos da banda foram aproveitados no Núcleo de Comunicação Caranguejos Pensantes. Em 2019, o grupo reaparece como Trio Pé de Bode com outra configuração para campanha pela compra do ar-condicionado para o espaço.

³³ Todas as imagens são de autoria de @fiona.forte e compiladas pela autora.

vacinas, laudos e tratamentos ineficazes. Com o decreto do *lockdown*, como medida de contenção da doença em abril de 2020, estabelecimentos foram fechados por todo o país, e itens de higiene antes acessíveis tornaram-se “de luxo”. Na comunidade do Bode, mesmo no momento mais crítico da pandemia, o prédio da Livroteca manteve seu espaço aberto para planejamento de ações preventivas no bairro. As reuniões para “balanço”, que aconteciam rotineiramente nas segundas-feiras, passaram a debater as melhores estratégias para levar informação correta e acessível até os moradores daquelas vielas e do porto à beira rio. De maneira horizontal e coletiva, aos poucos foram surgindo as pautas que deram forma aos primeiros programas, que não se limitaram a abordar a pandemia, mas diversos assuntos que atravessavam a periferia.

Em 5 de julho de 2020, as ruas e palafitas da comunidade do Bode recebiam pela primeira vez as ondas itinerantes do episódio de abertura da transmissão da rádio de andada. Ao som da canção ‘*Manguetown*’ de Chico Science e Nação Zumbi (1996), tema alusivo à condição precária de quem vive às margens, não só do rio como da sociedade, a rádio é apresentada com um joguete de palavras – “Vocês estão ouvindo A Voz da Lama, a rádio de andada do Pina. Mas, lama não tem pai, como é que vai ter avó? Só sei que é assim, essa é a rádio A voz da Lama”. O programa de 24 minutos e 29 segundos, composto por blocos temáticos alternados (saúde, aconselhamento jurídico, história e cultura, opinião) envolveu diretamente em sua produção cerca de oito membros. Com roteiro da jornalista Beatriz del Corte, edição, masterização e mixagem de Antoine Kbioch e arte para divulgação nas redes sociais de Júlio Insano, as locuções ficaram por conta de Magda Alves (pedagoga e comunicadora popular), Pedro Stilo (comunicador popular e artista visual) e Jéssica Jansen (advogada), além dos também músicos Mestre Lua e Kcal Gomes.

Os assuntos abordados foram desde o uso de plantas medicinais para aumentar a imunidade até a importância da prática de exercícios para saúde mental e física, Estatuto da Criança e do Adolescente, redução de danos, comentário sobre o cenário político que pouco se importava com a gravidade da Covid-19, até a história da tradição pesqueira no Recife. Nos intervalos, poemas de Kcal Gomes destacando o poder da leitura, do perigo do vício em drogas, de reflexão política, preservação da maré, além dos bregafunks “Passinho da Prevenção” e da “Livroteca”, ambas composições de Epitácio Cavalcanti, o ‘Capa’, nas vozes de artistas da comunidade.

É importante destacar que, mesmo em meio aos problemas sociais e do âmbito da saúde abordados ao longo do episódio de estreia, o território que a rádio ocupa é exaltado, seja nos versos da canção que leva o nome da Livroteca, ou no uso do bordão “o Bode é o bicho, é ou, não é?”³⁴ seguido de um berro entoado em coro.

Mais um dia amanheceu
 Vou sair pra dar rolê
 Vou chegar na Livroteca
 Só pra ver como ela é (2X)
 Então passe a respeitar
 Tem grafite na parede
 E se procurar melhor
 Também tem os quintais verdes

Então passe a respeitar
 Nós considera[sic] você
 Lá também tem estúdio
 Vem ‘simbora’ conhecer

A proposta de ser um meio de comunicação diferenciado no contexto de uma infodemia³⁵ também é evidenciado repetidamente nos intervalos entre blocos por meio da frase: “não escute qualquer coisa, ouça A Voz da Lama”. O programa de estreia foi anunciado no *Facebook* e *Instagram* (@livrotecabrincantedopina), e distribuído, inicialmente, por meio do barco e bicicleta de som, sendo disponibilizado no *Youtube*, *Spotify* e no *Apple Podcast* juntamente com o episódio de número dois no mês de setembro de 2020. Kischinhevsky (2016) denominou de rádio expandida essa característica “transbordante” da rádio em outras plataformas, ampliando dessa forma o consumo da produção pela audiência. Ainda segundo o pesquisador, a mediação do digital apresenta uma maior possibilidade de recursos além do sonoro, como por exemplo, imagens, gifs e vídeos (MESQUITA et.al, 2022).

³⁴ Gíria popular sinônimo de algo “legal, incrível”.

³⁵ Excesso de informações reais misturadas a boatos e especulações causando desinformação e desorientação.

O segundo episódio só iria ao ar em 23 de setembro de 2020 seguindo um formato semelhante, apesar da intenção inicial de produzir um programa ao mês. Com pouco mais de 35 minutos, o episódio tratou de pautas como: o que fazer se tiver pendências na justiça penal, apresentação do comentarista Seu Faixa – personagem criado para realizar denúncias –, valorização do cabelo crespo e resistência negra, violência sexual na infância, o caso do menino Miguel Otávio³⁶, história do coco de roda e instrução para denúncia em caso de violência contra a mulher durante o *lockdown*.

No total foram seis canções ao longo do programa sobre temas diversos: racismo ('Nêga' do cabelo duro de Luiz Caldas e Alma não tem cor de André Abujamra), além de composições de moradores locais, como um rap com receita caseira para melhorar a imunidade; o coco de roda do "Neném", "Não jogue lixo na maré" e o "Bar do Barata". As declamações poéticas também estiveram presentes neste episódio, e abordaram questões raciais e a denúncia da conhecida "capitania hereditária de Pernambuco", como é chamada de forma jocosa a permanência na Prefeitura e no Governo do Estado da mesma família há anos. A programação contou ainda com a divulgação de comerciantes locais e convite para as mulheres da comunidade a fazerem parte da Coletiva Cabras.

Na ficha técnica do programa, constam novamente as participações de Beatriz del Corte no roteiro e Antoine Kbioch na edição, mixagem e masterização. As vozes ficaram por conta dos músicos Mestre Lua, Kcal, Alexandre Mesquita, e do MC e produtor musical Dilsinho. Os comunicadores Paulinha Menezes e Pedro Stilo, além da advogada Jéssica Jansen e Júlio Insano também compuseram a equipe de locutores. Ao fim do programa são citadas as participações da voluntária Sandy Jenny e Seu Faixa, personagem fictício introduzido estrategicamente para que fossem feitas denúncias "anônimas". De forma semelhante ao primeiro programa, este episódio teve sua divulgação realizada nas redes sociais oficiais da Livroteca no Instagram (@livrotecabrincantedopina) e Facebook (facebook.com/LivrotecaBrincanteDoPina/) e distribuído via barco, bicicleta de som, e posteriormente, disponibilizado nas plataformas online.

³⁶ Caso da criança de 5 anos que morreu após cair do 9º andar de um prédio de luxo no Recife em 2 de junho de 2020. Sari Cortes Real, patroa de Mirtes Renata de Souza, mãe de Miguel, foi responsabilizada pelo abandono da criança, que teria ingressado sozinha em um elevador.

Em 20 de janeiro de 2021 era anunciada a circulação do terceiro episódio da Voz da Lama. À época, o estúdio do Núcleo de Comunicação Caranguejos Pensantes ainda estava recebendo doações para conclusão da obra, e, portanto, foi auxiliado pelo Studio 16 de Antoine Kbioch. Mais enxuto que o programa anterior (27 minutos e 28 segundos) foi o primeiro da rádio a ser roteirizado coletivamente. Na grade de programação, pôde-se ouvir pautas sobre sexualidade feminina e métodos contraceptivos, história das nações de maracatu da comunidade, direitos infantis garantidos por lei, apresentação da farmácia viva da Livroteca com receita para dores estomacais, e um comentário sobre as eleições para prefeito e vereadores ocorridas no ano anterior.

Seu Faixa, o enterrado-vivo como o mesmo se autointitula, participa em dois momentos: no primeiro para expressar sua indignação à falta de preservação da Praça Seu Inácio, revitalizada pelos voluntários da Livroteca e do Coletivo Pão e Tinta, e na crítica ao uso de drogas ilícitas pela juventude. As intervenções artísticas trazem duas canções: a da “Rosa”, exaltando a figura da divindade de origem africana lemanjá protetora da pesca, e a do “Capibaribe”, que relata memórias de uma infância pesqueira às margens do rio. Os poemas recitados por Kcal Gomes criticaram a truculência policial nas favelas por meio de metáforas utilizando elementos do manguezal (aratu, caranguejo, peixes), brincadeiras de criança, além de engradecer o papel do artista em um mundo cada vez mais egoísta. O episódio de número três teve a participação de membros já conhecidos da rádio como Alexandre Mesquita, Jéssica Jansen, Kcal Gomes, Mestre Lua, Pedro Stilo e Magda Alves na locução, além de Palas Camila (membra da Coletiva Cabras e educadora) e Carlos Alberto, o Betinho. A parte técnica do som foi operada mais uma vez por Antoine Kbioch.

O último episódio do corpus desta pesquisa foi ao ar somente em 1º de outubro de 2021, após um hiato de quase nove meses e foi o mais curto da temporada, com apenas 22 minutos e 10 segundos de duração. O episódio já gravado na sede definitiva da rádio, trouxe pautas jurídicas referentes à pensão alimentícia e irregularidades no recebimento do auxílio emergencial e teve a locução de Jéssica Jansen e Gustavo Oliveira, ambos advogados. A diabetes infantil e os perigos do consumo excessivo de açúcar também foram pautados, além de um bate-papo entre duas locutoras sobre racismo estrutural e as ácidas participações de Seu Faixa. Desta vez, uma encenação informativa entre o voluntário Pedro Barsotti e o comentarista do

além debatia a vasectomia como procedimento contraceptivo masculino não prejudicial à performance sexual.

O conselho tutelar do bairro também foi alvo de denúncia por meio do conto fictício de terror, das lendas urbanas surgidas pontualmente próximo a datas decisivas como as eleições de conselheiros. A única canção presente no quarto episódio, trata do viver o presente sem idealizar o passado enquanto um período melhor. O roteiro do programa foi escrito de forma coletiva, e contou com as vozes de Alexandre Mesquita, Gustavo Oliveira, Jéssica Jansen, Kcal Gomes, Magda Alves, Seu Faixa, Paula Menezes e Pedro Barsotti. Maíra Cabral (bióloga e educadora). Maysa de Melo se uniu à equipe de locução enquanto Jeffrey Trudel trabalhou na edição de som ao lado de Antoine Kbioch. A direção de arte do pôster com identidade da Voz da Lama, capa de todos os episódios disponibilizados nas plataformas digitais, foi assinada por Júlio Insano.

FIGURA 2 – PÔSTER DA VOZ DA LAMA NAS PLATAFORMAS DIGITAIS



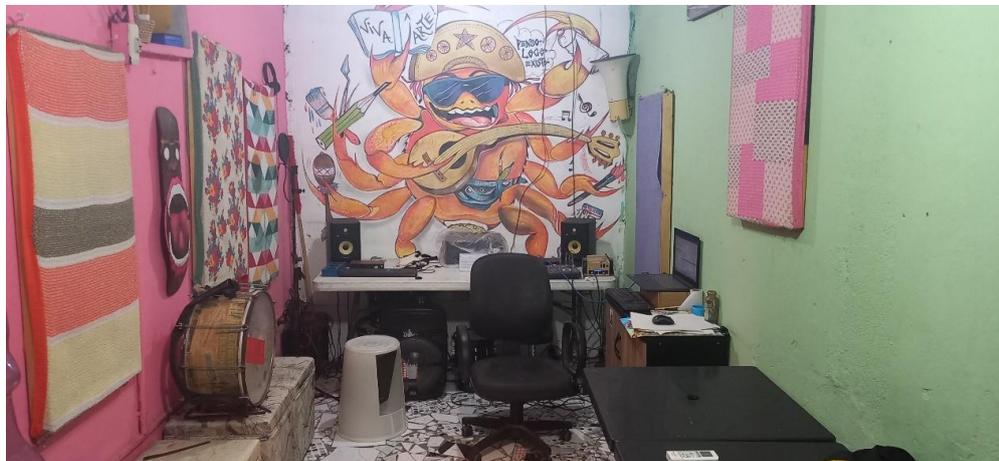
Fonte: Divulgação Instagram Livroteca Brincante do Pina.

A partir do panorama descritivo é possível perceber que a grade de programação da Voz da Lama não é padronizada, bem como a duração de cada episódio. Outra característica é referente às locuções: ainda que haja a presença de profissionais do Direito e da Educação na equipe, há uma certa rotatividade na apresentação e formulação dessas pautas e por isso, uma diversidade de linguagens e sotaques. As temáticas vão sendo inseridas na programação muitas vezes sem a apresentação formal dos locutores, e podem seguir formato de conversa,

representação teatral ou mesmo de comentário. Entre os gêneros musicais mais tocados estão o coco de roda e o bregafunk, ritmos característicos do território.

Do final de 2021 até janeiro de 2023 este teria sido o último episódio da rádio neste formato publicado até o momento. Em conversa com Kcal Gomes (2022), ficou evidente como a rotatividade e indisponibilidade de voluntários acabam por tornar mais espaçada a produção. Segundo o idealizador da Voz da Lama, o quinto episódio estaria ainda em produção aguardando por “mão à obra”.

FIGURA 3 – ESTÚDIO DO NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO CARANGUEJOS PENSANTES



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Presente nas plataformas de *streaming* Spotify³⁷ e Youtube³⁸, nos barcos que navegam na bacia do Pina, nas bicicletas de som, na rádio FM e agora também da recém instalada rádio-poste, a Voz da Lama tem como objetivo fazer-se ouvir pelo maior número possível³⁹, de “pessoas de dentro do Bode”, como enfatiza Kcal Gomes (2022, em entrevista à pesquisadora), tendo em vista que o público-alvo da rádio não são os moradores das ruas principais do bairro. Geograficamente falando, o Pina é cortado por avenidas lotadas de empresariais de importante acesso às áreas mais nobres da cidade, como por exemplo, ao bairro de Boa Viagem, onde os moradores detêm maior poder aquisitivo. As residências mais afastadas das avenidas e ruas

³⁷ Link para acesso <https://open.spotify.com/show/2eCx3pxIS5B7wfinGolih?si=36c5f10d43f641b9>.

³⁸ Link para acesso <https://www.youtube.com/@LivrotecaBrincantedoPina>.

³⁹ Kcal Gomes explica que os itinerários da bicicleta e barcoteca são mapeados de acordo com a distância das ruas principais, tendo em vista que o bairro, à medida que se adentra em direção ao centro das comunidades, as vielas tornam-se cada vez mais estreitas, dificultando a passagem de veículos maiores. No caso das palafitas à beira da bacia do Pina, por vezes, não há espaço sequer para passagem de bicicleta.

principais tendem a ser mais populosas e abrigam moradores de origem mais humilde, seriam estes o que se encontram no “lado de dentro” na fala de Kcal. A linguagem utilizada na Voz da Lama é pensada, desta maneira, de uma forma mais simples, carregada de vocábulos presentes no cotidiano dessas pessoas, em sua maioria, sem acesso a educação formal.

Desde julho de 2022 é possível estar conectado a Voz da Lama FM, diariamente, pelas ondas da rádio, na frequência 88.3 ao vivo 24 horas, apreciar músicas regionais e também da cena nacional, informar-se sobre o calendário de atividades dos coletivos da Livroteca e ter acesso às informações de interesse público. O projeto da rádio é ambicioso e tem como meta a instalação de um total de 30 pontos de rádios-poste espalhados pelo Pina⁴⁰. Tratando-se de um projeto totalmente independente financeiramente, a manutenção da rádio é feita por meio de doações de colaboradores voluntários e editais aprovados, como o do Fundo Socioambiental Casa, que possibilitou a aquisição de itens como a bicicleta de som para as transmissões na região. Já a barcoteca⁴¹, fruto do aluguel a pescadores da bacia do Pina, ao mesmo tempo em que serve para divulgar o conteúdo da rádio é uma fonte de renda para os pescadores, movimentando a economia local.

A Voz da Lama envolve a comunidade nos diversos processos, seja no planejamento, na produção ou até mesmo na divulgação. Segundo a coordenadora de atividades da Livroteca e educadora popular, Paula Menezes (2022, em entrevista à pesquisadora), todos da comunidade que desejem participar das reuniões de pauta (que ocorrem sempre às segundas-feiras) para sugerir temas ou mesmo produzir conteúdo, são bem-vindos, basta “entender a respeito”. Evidentemente as pautas sugeridas recebem um prazo para produção e posterior entrega a Kcal. Após a revisão e adaptações na linguagem quando necessárias, o material é gravado no estúdio, editado e incorporado à grade. Vale ressaltar que tudo é analisado e filtrado para que sejam evitadas a reprodução de preconceitos ou de informações falsas. O idealizador da Livroteca também enfatiza a preocupação com o equilíbrio de gênero na equipe. Dessa forma, segundo Kcal Gomes (2022, em entrevista à pesquisadora), homens e mulheres possuem o mesmo grau de participação na rádio, além da não haver

⁴⁰ Atualmente A Voz da Lama possui quatro caixas de som, apenas uma delas está instalada na entrada do prédio. Até algum tempo atrás havia um caixa em um poste em frente à Livroteca, mas devido a um incêndio precisou ser retirada.

⁴¹ Barco com caixa de som acoplado para transmissão da rádio nas áreas ribeirinhas.

hierarquização de função entre os membros. Vale destacar que mesmo diante dessa abertura para a comunidade externa à rádio⁴², a procura pela participação ainda é baixa, segundo os membros da Voz da Lama.

Na obra *Produção de Rádio*, Robert McLeish (2001) descreve um fluxo ideal para a construção de um programa de rádio, que apresentam pontos de contato com o *modus operandi* da Voz da Lama, ainda que o modelo proposto por McLeish seja voltado para um veículo comercial e não comunitário. Ao descrever os processos desde a idealização do programa, o autor destaca as etapas de levantamento de necessidades do público, a partir da convivência com os mesmos, seguido de uma reunião com a equipe para socialização de ideias, que na sequência são avaliadas quanto a pertinência e cultura (aqui se inclui também a linguagem) do público-alvo, bem como a disponibilidade de recursos, sejam eles de pessoal, financeiros, de tempo ou técnicos (MCLEISH, 2001).

A partir dos recursos da rádio são definidos os prazos para realização de cada etapa e orçamentos a serem investidos na remuneração de colaboradores e demais demandas que necessitem verba, como por exemplo, a compra de equipamentos ou de direitos autorais para as inserções musicais. Antes da gravação em si do programa, o produtor ainda revisa os *scripts* e distribui as funções entre todos os envolvidos no projeto além de direcionamentos gerais de modo que todos conheçam o fluxo do trabalho.

Passada a gravação das locuções, vinhetas e canções, por fim, são indicados no *script* as orientações para a equipe de edição e mixagem do material produzido, que por uma última vez, é verificado pela produção antes de ir ao ar. É interessante notar como a sequência de tarefas têm sido seguidas de maneira semelhantes. Isso acontece certamente pelas capacitações oferecidas para quem deseja fazer parte da rádio de andada. A qualquer pessoa que se interesse, é oferecido um treinamento por meio de videoaulas, produzido pela própria equipe da Voz da Lama. As aulas, armazenadas em um notebook do estúdio, ensinam desde os passos mais básicos (comandos de ligar/desligar equipamentos) até edição e mixagem. A produção de programas para composição da grade da rádio também é aberta à comunidade, bem como o acesso ao computador, microfones e instrumentos musicais.

⁴² Moradores que não sejam atendidos pelos coletivos ou projetos da Livroteca.

No ano de 2022, como citado anteriormente, não foi dada continuidade aos episódios da rádio no formato inicial de uma grade dividida em blocos com intervalos musicais e poemas. As transmissões passaram a ocorrer na 88.3 FM e foi lançado no *Spotify*, um podcast homônimo⁴³. O projeto, aprovado pelo edital de Comunicadores Populares da TV Pernambuco foi ao ar no mês de fevereiro de 2022 com um total de seis episódios. A programação, sempre apresentada alternadamente por três *hosts*⁴⁴ diferentes e dois convidados, trouxe para o debate pautas urgentes para a periferia. O primeiro episódio do Podcast A Voz da Lama apresentado por Pedro Stilo teve duração de 32 minutos e 23 segundos. O programa com o tema “Minha casa vai cair” entrevistou Fiona Forte, fotógrafa francesa membro da Livroteca e coordenadora do projeto que debate o direito à moradia, e Leydiane da Silva, mãe e ativista moradora da Vila da Ponte. Após a apresentação das entrevistadas, cada uma delas abordou sua relação com o território do Pina e como a sociedade civil têm se articulado para contornar o descaso da Prefeitura do Recife em relação à assistência social, saneamento básico e segurança. Em formato de conversa, não houve intervalos musicais ou de outras expressões artísticas no podcast.

O segundo episódio, mediado por Magda Alves recebeu Kcal Gomes e Eptácio Cavalcante, ambos membros da Livroteca, para falar das ações do projeto “Corona nas periferias”. Ao longo dos 14 minutos e 6 segundos, os voluntários falaram do impacto gerado na comunidade a partir da campanha, que arrecadou cerca de R\$100mil reais revertidos em produtos de higiene, limpeza, máscaras e donativos, e como a Voz da Lama complementou a ação levando informação às famílias. O programa foi finalizado com a declamação de uma poesia de autoria de Kcal Gomes escrita durante a pandemia.

Já no terceiro episódio, comandado por Jéssica Jansen, são entrevistadas duas integrantes da Coletiva Cabras, Paulinha Menezes e Palas Camila, para falar sobre gênero. O programa de pouco mais de 31 minutos tratou da importância da rede de apoio e da história da coletiva na comunidade do Bode. De maneira semelhante ao programa anterior, o encerramento foi feito com a inserção de uma canção do dueto Barbarize, músicos conterrâneos da Livroteca.

⁴³ Os episódios do Podcast A Voz da Lama encontram-se no perfil da Livroteca do Spotify: <https://open.spotify.com/show/2eCx3pxlS5B7wfinGolihb?si=a690ef24d0024e83>

⁴⁴ Anfitrião do programa.

Os três episódios seguintes foram apresentados por Pedro Stilo, Magda Alves e Jéssica Jansen respectivamente, e abordaram a redução de danos, incentivo à leitura, taxação de livros e encarceramento de jovens pretos e periféricos. Entre os entrevistados constam o jornalista Jorge Cavalcanti e Mércia Lourenço, mãe e integrante da Coletiva Cabras, Kcal Gomes e a bibliotecária Jaqueline Silva, além do advogado popular criminalista, Igor Oliveira e Lelo Desenhista, voluntário da Livroteca. Todos os episódios tiveram produção técnica de Yuri Lumin.

5.2 Caminhos metodológicos

A construção desta pesquisa se deu, primeiramente, a partir da revisão bibliográfica ancorada em produções científicas de referência a respeito da história do Pina desde sua fundação até os dias atuais – ponto de partida deste trabalho – e o direito à moradia (SILVA, 2008; SANTOS, 1996/1997), os sistemas de comunicação brasileiros (FONSÊCA E VALENTE, 2017; SILVA, 2021; PERUZZO, 2008; CABRAL FILHO 2021), e comunicação comunitária como resistência política e transformação social (PERUZZO, 2004, 2009, 2016; COCCO E CAIMI, 2021; PAIVA, 1998; BARBERO, 2008).

Em um segundo momento, a obtenção de dados referentes ao objeto de estudo, a rádio de andada A Voz da Lama, precisou ser construída de forma mais orgânica. Por se tratar de um projeto iniciado “no calor da pandemia” e sem quaisquer registros documentais sobre sua fundação, funcionamento ou membresia, ao longo dos anos de 2021 e 2022 foram conduzidas entrevistas informais por rede sociais e de forma presencial a fim de obter informações verbais da equipe. Os contatos inicialmente se deram pelo perfil do *Instagram* da Livroteca Brincante do Pina (@livrotecabrincantedopina), que, por ser gerenciada coletivamente permitiu a conexão com vários voluntários alternadamente, além da abordagem por meio de indicação de voluntários a outros que pudessem ter mais conhecimento sobre determinada pauta questionada pela pesquisadora.

Posteriormente, as conversas foram continuadas via *WhatsApp* (por áudio e texto) devido ao período pandêmico, e só depois, houve algumas visitas ao estúdio

da rádio, ainda com objetivo de reconhecimento do espaço e das pessoas que dele faziam parte. Cerca de seis membros (Igor “Shell”, Paula Menezes, Yana Teixeira, Magda Alves, Kcal Gomes, Maíra Cabral) foram consultados sobre aspectos como distribuição de funções, curadoria de pautas, financiamento de projetos, entre outros pontos.

A terceira etapa da pesquisa foi construída a partir da coleta dos episódios da rádio disponibilizados no *Spotify* e *Youtube* da Livroteca Brincante do Pina. Como critério de seleção, estabelecemos o intervalo de um ano reunindo as produções iniciadas no momento mais crítico da pandemia, que coincidia com a estreia da Voz da Lama.

Apesar da rádio ambulante ter iniciado suas atividades na comunidade do Bode em julho de 2020, apenas em setembro daquele ano os programas passaram a ser postados nas plataformas de *streaming*. Mesmo com a ideia inicial de produção mensal de episódios, devido a alguns contratemplos, apenas dois programas por ano (2020 e 2021) puderam vir ao ar, totalizando quatro para análise de conteúdo. Por conta da pequena quantidade de arquivos sonoros para análise, estendemos o recorte para programas realizados entre julho de 2020 e outubro de 2021. Cabe destacar que, na transcrição para análise dos programas, recorreremos a identificação dos locutores por meio de siglas (M, M1, M2 e assim por diante para as vozes masculinas, e F, F1, F2 para femininas) tendo em vista que ao longo dos blocos de cada programa nem todos os participantes são apresentados formalmente aos ouvintes.

Por fim, a última etapa consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com os voluntários que fizeram parte da rádio no mesmo período do recorte dos episódios coletados. A Voz da Lama, projeto derivado do universo da Livroteca Brincante do Pina, desde sua estreia em julho de 2020 passou, muito organicamente, pela reformulação de sua equipe, composta 100% por voluntários (residentes e não residentes da localidade). Em virtude dessa mudança, tornou-se necessário fazer reajustes no percurso metodológico para obtenção de dados, visto que a princípio, pretendia-se realizar uma roda de conversa com os então membros da rádio, a fim de entender a atuação deles como sujeitos comunicativos na comunidade. Com as dificuldades impostas pela pandemia, esse caminho ficou inviável no momento de

criação da rádio e depois quando as medidas restritivas⁴⁵ foram abrandadas contactar os antigos membros para um encontro presencial na sede ficou inviabilizado, tendo em vista que essas pessoas já não frequentavam o espaço como antes ou mudaram-se, então após inúmeras tentativas recorremos a outras estratégias. A aplicação das entrevistas semiestruturadas acabaram sendo feitas presencialmente em duas ocasiões na sede do projeto.

A entrevista é a forma mais antiga para coleta de dados nas ciências sociais, sendo utilizada por diversos profissionais com o objetivo de diagnóstico e orientação. Antônio Carlos Gil (2006) define o método como um diálogo assimétrico, onde a uma das partes interessa o levantamento de informações, enquanto do outro lado, encontra-se sua fonte. Tendo em vista que todo o material da Voz da Lama é transmitido oralmente e ainda carece de registros documentais, optamos pela execução da entrevista semiestruturada, prezando pela flexibilidade do entrevistado para inserir informações além das requeridas.

Os primeiros contatos com os membros da equipe da Voz da Lama para agendamento das entrevistas semiestruturadas foram feitos via *WhatsApp* e duraram algumas semanas. Em outubro de 2022 retomamos o contato com alguns dos membros das conversas informais a fim de identificar aqueles que estariam disponíveis para uma nova sessão presencial onde o método seria aplicado. Devido à proximidade das eleições e o empenho coletivo em apoio à candidatura de um dos voluntários, ficamos impossibilitados de nos reunir. Em novembro retomamos o contato com Jéssica Jansen, voluntária presente desde a fundação da rádio e que poderia ser uma ponte para chegar aos demais membros ativos no grupo do *WhatsApp* da Livroteca. Por duas vezes marcamos uma reunião, mas devido a choques nas agendas, precisamos adiar.

⁴⁵ Em 11 de março de 2020 a OMS classificou a doença causada pelo novo coronavírus uma pandemia. No dia seguinte (12) em Pernambuco, foi publicado o primeiro Decreto Lei que proibia eventos com mais de 50 pessoas, além da suspensão de atividades culturais, de ensino ou quaisquer serviços não essenciais. Em 16 de maio de 2020 foi implantado o lockdown mais severo prolongado até o final do ano em todo o estado, onde além da obrigatoriedade do uso de máscara em estabelecimentos privados, vias públicas e espaços de acesso aberto ao público, era restrito o deslocamento de veículos e pedestres exceto para atendimento de necessidades essenciais, prestação de serviços, obtenção de atendimento médico, entre outros. No ano de 2021 as medidas restritivas foram aos poucos abrandadas com retorno gradual dos eventos, atividades educacionais, religiosas e econômicas, mantendo ainda o distanciamento e a obrigatoriedade do uso de máscara. Todos os decretos oficiais podem ser consultados em <https://www.pecontracoronavirus.pe.gov.br/?de488092020>.

Somente no dia 07 de dezembro de 2022, por volta das 16h, ocorreu o primeiro encontro presencial para apresentação da pesquisa e metodologia na residência de Jéssica Jansen, membro e moradora da comunidade. Jéssica deu um panorama da rádio, desde a fundação até a apuração de pautas, no encontro que durou cerca de quarenta minutos. Após o fim da conversa, Jéssica informou aos demais membros da Livroteca sobre o desenvolvimento desta pesquisa e minha presença na reunião geral do dia 12 de dezembro de 2022, evento semanal para planejamento de ações, na qual participaria na condição de agente externo.

A reunião geral de planejamento foi o primeiro contato presencial da pesquisadora com toda a equipe da rádio e Livroteca na sede, na ocasião fez-se um balanço das atividades da semana anterior e em seguida, o planejamento para a festa de encerramento do ano. Como já mencionado, a equipe já havia passado por uma reformulação, constando apenas dois participantes no total de dez presentes que tinham trabalhado no período do recorte temporal desta pesquisa (2020/2021).

Na ocasião, Kcal Gomes resumiu a história da rádio e da Livroteca, sanou algumas dúvidas importantes para o andamento da pesquisa e, por fim, encerramos com o agendamento da entrevista semiestruturada, ocorrida naquela mesma semana. Vale destacar que, ainda que essa reunião geral tenha sido presidida pelos núcleos da rádio e demais coletivos, a Voz da Lama não estava entre as pautas, visto que as gravações dos episódios que circulam em barco e bicicleta ainda necessitavam de voluntários para execução de algumas funções.

A primeira entrevista semiestruturada foi realizada no estúdio da Voz da Lama, no dia 14 de dezembro de 2022 por volta das 16h com Kcal Gomes, fundador da Livroteca e um dos mentores da rádio. A conversa, que durou pouco mais de uma hora, precisou ser interrompida algumas vezes devido às demandas dos projetos em funcionamento nas demais áreas do prédio. No ambiente, estavam expostos os equipamentos técnicos adquiridos para as transmissões além de alguns instrumentos musicais utilizados para a produção das vinhetas e intervalos musicais. Após o encerramento da entrevista, Kcal Gomes sugeriu que a mesma também fosse realizada com Maíra Cabral, voluntária que, além de estar no projeto desde a fundação, já tinha desempenhado diversas atividades na rádio e que hoje comandava seu próprio programa com conhecimentos adquiridos durante a produção da Voz da

Lama. No mesmo dia, entramos em contato para o agendamento da entrevista com Maíra Cabral.

No dia 19 de dezembro de 2022, foi realizada a segunda entrevista, no mesmo lugar da primeira. A entrevistada foi Maíra Cabral, natural do estado de São Paulo e voluntária na Livroteca desde março de 2020. Maíra Cabral presenciou grande parte dos movimentos que deram origem à Voz da Lama em julho daquele ano. A conversa mais curta, de aproximadamente dezoito minutos seguiu o mesmo roteiro da anterior. Outros voluntários foram contactados para a realização da entrevista, mas, sem sucesso.

Inicialmente foram pré-definidas para a entrevista seis perguntas abrangendo os principais pontos a respeito do funcionamento da rádio e a percepção da equipe sobre as funções desempenhadas, como podem ser observadas abaixo:

- 1 Qual a singularidade da Voz da Lama em comunicar a pandemia em um momento de crise sanitária e de informação?
- 2 Você enxerga que houve falha na comunicação governamental na prevenção ao Covid-19? De que forma a equipe da Voz da Lama trabalhou para contornar a situação?
- 3 Quais as estratégias utilizadas pela Voz da Lama em um trabalho conjunto com a comunidade para mudança de atitude diante do perigo do vírus?
- 4 Quais as condições e motivações para a criação da rádio?
- 5 Por que a escolha da bicicleta e da barca? Como eram definidas as rotas?
- 6 Qual o grau de participação da comunidade na construção dos programas?

Como previsto, o roteiro deu margem para desdobramentos sobre outros temas igualmente importantes para a compreensão da rádio. Para análise do material coletado, em primeiro lugar, foi realizada a transcrição de todo o material na íntegra, deixando de fora apenas os momentos de interrupção. A partir das várias leituras do arquivo, pôde-se separar os temas abordados em três grandes categorias, conforme explicitadas abaixo:

- 1 Dinâmica interna

2 Estratégias de comunicação

3 Ações durante a pandemia

A dinâmica interna, como o nome deixa claro, refere-se às divisões de tarefas e tomadas de decisão da equipe da Voz da Lama. No segundo grupo estão reunidas as informações sobre a comunicação como elemento de resistência e compromisso social. Já a categoria de ações durante a pandemia reúne basicamente as atividades complementares às transmissões da rádio no período de maiores taxas de mortalidade por coronavírus.

5.2.1 Dinâmica interna

Ao longo das entrevistas com todos os integrantes pôde-se identificar basicamente os mesmos padrões de descrição dos processos de funcionamento da rádio. É importante frisar que este tópico se baseia exclusivamente nas etapas relatadas pelos membros, tendo em vista que as visitas à Voz da Lama não coincidiram com as reuniões de pauta dos episódios, além do recente hiato na programação que circula na bicicleta e barco.

Na rádio de Andada, a criação dos programas é coletivamente iniciada a partir da reunião semanal das segundas-feiras para avaliação das urgências no bairro, reunião essa sem horário previamente definido, anunciada momentos antes do encontro. Ao longo da reunião são levantadas as pautas em um processo de *brainstorming*, momento em que cada pessoa pode contribuir com o que considere relevante para o momento. Quando questionado sobre essa curadoria de pautas surgiram duas respostas divergentes: em uma delas a seleção é feita unicamente por Kcal Gomes, enquanto em outro momento, essa atividade foi atribuída também ao coletivo como um todo. As temáticas, segundo os entrevistados, são selecionadas de acordo com as demandas do entorno e relevância naquele momento para a comunidade, como, por exemplo, a abordagem do tema da infância e família, público atendido nos projetos e das drogas.

A escrita do texto para o roteiro é definida de acordo com a disponibilidade e habilidades daqueles que se proponham a fazê-lo, desde que também se apresentem

as fontes bibliográficas da produção⁴⁶, sejam elas artigos, notícias de jornal ou de portais oficiais. A estreia da Voz da Lama em um período de circulação de *fake news* reforçou a necessidade em repassar informações corretas para os moradores. É importante salientar que este modelo foi seguido durante a pandemia e, portanto, não contou com a realização de entrevistas na comunidade devido aos riscos de contágio.

Era tudo sempre...baseado nos contextos da Livroteca. Toda segunda-feira, como você viu antes de ontem, a gente se reúne pra fazer avaliação e também receber as demandas. E com a rádio era a mesma coisa, toda segunda-feira aqui tinha essa pauta. Alguém dizia assim “ó, eu tenho a intenção, a ideia de fazer uma pauta sobre isso” “beleza, massa, qual de nós vai fazer a pesquisa?” Porque tem que fazer a pesquisa... (KCAL GOMES, 2022).

O próximo passo após a escolha do redator de cada pauta é a entrega do material no prazo estipulado por Kcal Gomes, prazo esse variável, tendo em vista que os programas possuem cronogramas dependentes da disponibilidade dos voluntários, chegando a se arrastar por meses a fio, como no caso do 5º episódio em produção a mais de três meses. Quando questionado a respeito da curadoria dos conteúdos a integrem a grade, é enfatizada além da relevância para os moradores da comunidade do Bode, a não reprodução de preconceitos raciais, de gênero, sociais. O mesmo é válido para as canções dos intervalos:

Eu acho que a gente sempre teve noção pra não repetir coisa, sempre os assuntos acabavam por ser relevantes, porque drogas, redução de danos, gravidez, sei lá...eram sempre assuntos pertinentes pra comunidade principalmente, que tem uma carência de informação muito grande, né? Então a única coisa que a gente tinha em mente era ter cuidado com a coisa da linguagem... da coisa do sexo [sic], ela, ele, ‘elu’... Sempre incluía a mulher, enfim, sempre tinha cuidado com certas coisas que a gente falava, tentar não usar uma linguagem muito difícil pra todo mundo entender. Mas realmente não tinha uma coisa do tipo: “ah, esse assunto não vai entrar e tal”. Era só: “você quer escrever sobre isso? Acha isso pertinente?” “Acho” ... Assim, então escreve e traz depois que a gente analisa e adapta esse áudio. Mas a galera aqui nunca foi sem noção de botar algum assunto que não tinha nada a ver, sabe? É difícil não ter nada a ver. Não sei se você ouviu os episódios, mas era sempre... Nunca foi “ah não, você não pode escrever sobre isso, escreva tá outra coisa” ... A galera sempre trouxe coisas pertinentes, até porque é comunidade, né? (MAÍRA CABRAL, 2022).

Reforçando a preocupação com a participação da comunidade, mas também com a qualidade do material veiculado na rádio, Kcal Gomes exemplifica os tipos de conteúdo reprováveis pela equipe. O respeito às mulheres, seja na participação dos programas ou na comunicação produzida, é parte da cultura do coletivo e vai na

⁴⁶ Vale destacar que os blocos dos quatro programas analisados no recorte de 2020 e 2021 seguiram o modelo de voz unilateral, sem entrevistas ou debates, apenas locuções dirigidas aos ouvintes.

contramão dos veículos comerciais, onde se ouvem com frequência canções que objetificam os corpos femininos.

Quando chegou aqui um cara pra fazer um programa de música com essas músicas escrotas... “Fulano quer fazer um programa de música, *bregafunk*”, por exemplo. Nossa intenção não é excluir, porque o estado já faz isso, a religião e a sociedade já excluem...Cuidado pra essa rádio não ficar igual às outras, não perder a essência sem excluir. A gente até gravou o Passinho da Prevenção e outros, a gente até grava. Aí o boy chegou aqui “sou MC, eu sou rapper, quero fazer um programa com vocês”, aí beleza, ele veio, eu “canta a letra aí”, [as letras são] ou ostentação, ou falando das mulheres, ou apologia ao estupro. Eu falei “ó, boy” ... não foi exclusão, esse gênero já toca em todas as rádios... (KCAL GOMES, 2022).

Em visita à sede da Livroteca como pesquisadora e residente da comunidade na reunião de planejamento, pude perceber que mesmo com a seleção das pautas por Kcal Gomes, todos os presentes podiam opinar sobre os assuntos apresentados, tendo sido eu mesma consultada em determinados momentos por também ser vizinha do projeto. A horizontalidade e ausência de hierarquia foi um aspecto citado por membros entrevistados informalmente como Shell e Paula Menezes e enfatizado pelo idealizador da Livroteca.

Esse trabalho horizontal da comunidade que ora transita entre o papel de emissor e receptor é uma das bases da comunicação comunitária comentada por Peruzzo (2009a) e um dos níveis mais elevados de participação. Através da Voz da Lama o direito à comunicação na comunidade do Bode é exercido, pois torna acessíveis veículos de comunicação aos moradores ainda que esses não atinjam as mesmas proporções dos *mass media*.

Dentro das reuniões a gente busca fazer um equilíbrio de gênero. Eu quero deixar claro que a gente busca não ter hierarquia, a gente busca ter respeito à experiência da outra pessoa. A gente até recebe pessoas que não têm experiência nenhuma, mas tem a vontade [de fazer], aí a gente faz (KCAL GOMES, 2022).

Os conteúdos submetidos à grade de programação são revisados e, quando aprovados, adaptados à uma linguagem mais próxima da que é falada nos entornos por Kcal Gomes, morador mais antigo da equipe. Caso contrário, são pedidos ajustes ao autor do texto ou mesmo a substituição para algo mais adequado. Só após essas etapas, o conteúdo é gravado no estúdio (pelo autor ou por outro voluntário que deseje) e é iniciado o processo de edição, que à época era função de Antoine Kbioch, o intercambista francês que também cedia o Studio 16 para as gravações e mixagem. A distribuição por bikoteca e barcoteca estavam sujeitas a disponibilidade da equipe,

como destaca Maíra, voluntária que já desempenhou diversas atividades desde o início da rádio de andata:

(...) flutua bastante essa coisa de disponibilidade de voluntários na Livroteca. Aí às vezes você acaba tendo que fazer mais de uma função assim... Então já escrevi, já gravei (...) já adaptei, né? Porque tem isso de adaptar pra linguagem, tentei pedir ajuda para adaptar... Gravei... Isso quando era só podcast, né, quando a gente fazia transmissão. Gravava o podcast aí esse rapaz editava [o Antoine] e a gente fazia a transmissão por bicicleta, por barco, e botava o caixa de som aqui na janela também. Aí...eu andava também de bicicleta, às vezes ia também no barco pra poder ajudar, né? (MAÍRA CABRAL, 2022).

A transmissão através da 88.3 FM, por sua vez, tem um funcionamento completamente diferente, com uma vertente mais livre que a programação dos episódios. No ar 24 horas, a grade é preenchida essencialmente por músicas, sejam autorais, quanto de cantores que já estão na indústria musical, além de informes pontuais sobre atividades no espaço.

Eu faço cada dia um [programa]. 'Tá' no transmissor ao vivo, eu dou a hora, falo o que vai acontecer hoje na Livroteca, e alguma informação. Ontem a gente fez uma ação na área da saúde que foi exame de sífilis, hepatites e HIV, aí a gente fez a divulgação na rádio. Fiz um vídeo para internet, rolou também na FM e deu mais de cinquenta pessoas aqui. A gente também faz serviço de utilidade pública (KCAL GOMES, 2022).

Cabe destacar que, se pudéssemos isolar apenas a Voz da Lama FM da produzida em episódios (ambulante), poderíamos classificá-la muito mais como uma rádio popular do que comunitária, visto que mesmo cumprindo o papel de informar conteúdos de interesse público, há o esvaziamento do enfrentamento político (PERUZZO, 2009a, p.55).

Mesmo sendo mantido graças às doações e campanhas, a Voz da Lama é um projeto com objetivos de expansão muito bem traçados visando a continuidade dos trabalhos desenvolvidos na comunidade, como por exemplo, o investimento na produção própria de videoaulas para aprendizado gratuito de técnicas de rádio. Esse repasse dos conhecimentos adquiridos através da rádio integram a característica pedagógica da comunicação comunitária, que diferente das rádios comerciais, não só estimula o pensamento crítico, mas também permite a construção de um valioso repertório técnico. Peruzzo (2009) nos recorda ainda que:

apesar da validade de meios comunitários que prezam apenas pela difusão de conteúdos de interesse público e aderentes às localidades ao invés de provocar a participação avançada das pessoas no fazer comunicativo, o ideal é possibilitar a oportunidade de aprendizado não só pelas mensagens

divulgadas, mas também pelo envolvimento direto na sua produção e difusão (PERUZZO, 2009a, p.56).

A compreensão, desde o início, da falta de representatividade e espaço na mídia comercial dos indivíduos favelados fica evidente na fala de Kcal Gomes como uma força motriz para seguir ocupando cada vez mais veículos, ao mesmo tempo em que está ciente de que alguns meios serão mais propícios à vigilância da polícia:

A gente está buscando atuar em todos os formatos. A gente tem a rádio de andada que é ambulante, a de poste, que é mais pra manter o romantismo comunitário, informação e música boa. A ‘parada’ da FM a gente quer contribuir com a quebra desse monopólio das grandes emissoras, a gente quer aumentar a capacidade do transmissor, já esperando alguma represália. A nossa frequência é 88.3, a gente ‘tá’ entre a rádio Recife, a rádio Transamérica que não existe mais e a Nova Brasil. Nossa audiência ainda é baixíssima, aí por isso a gente não incomoda tanto (KCAL GOMES, 2022).

É importante salientar que essa expansão para outros meios é acompanhada da preocupação por uma produção de qualidade profissional, ainda que nem todos os participantes sejam comunicadores por formação, sem a perda da essência lúdica e popular características da Livroteca e, conseqüentemente, da Voz da Lama.

5.2.2 Estratégias de comunicação

Parte das estratégias de comunicação da rádio de andada está diretamente ligada à motivação que deu origem a sua criação.

A gente percebeu que estava acontecendo uma manipulação governamental também, e aí a gente disse: não!! Cada notícia absurda pra carai [sic], o que é que a gente faz pra desmentir tudo isso? Pra falar com nossa linguagem, com nossa vivência, com nossa propriedade? (KCAL GOMES, 2022).

A tradução dos acontecimentos da Comunidade do Bode e do mundo (como a pandemia) para uma linguagem “de dentro”⁴⁷ sem dúvida é uma das principais marcas da Voz da Lama, mas não é o único diferencial da rádio, de acordo com os entrevistados. As gírias, o português “mal” empregado e os elementos do cotidiano dos catadores de marisco e sururu são acompanhados de muita ironia, narrativas ficcionais e declamações poéticas munidas de críticas – ao sistema, aos maus

⁴⁷ A expressão “de dentro” foi utilizada pelo entrevistado ao se referir aos moradores das partes mais pobres e distantes das vias principais do bairro do Pina.

costumes e aos preconceitos. Não é à toa que foi criado o personagem Seu Faixa, pseudônimo para um comentarista “enterrado-vivo”, como o mesmo se autointitula.

(...) ‘pras’ coisas que... os assuntos, vou dizer, polêmicos, eu criei um personagem, que é Seu Faixa, comentarista. Depois do primeiro, eu pensei “porra tem coisas que eu não posso falar”, porque eu sou funcionário [da empresa X]⁴⁸. “Aí, pô, caramba, vou criar um personagem”. Eu tenho um personagem aqui chamado Seu Faixa, o enterrado vivo. Um velhinho de 65 anos, aí ele fala essas coisas. Eu fiz uma denúncia contra [a instituição Y]⁴⁹ e não podia usar a minha voz e nem o meu nome. Aí essa parte do comentarista já foi uma criação (M1⁵⁰, 2022).

Nos créditos do programa, o locutor deixa o aviso aos que desejem contrargumentar as opiniões emitidas pelo personagem:

M1: (...) [apresentamos] Seu Faixa, enterrado vivo, nosso comentarista. Lembrando que qualquer reclamação ou comentários, vá cobrar ao comentarista. Seu Faixa mora lá no Cemitério de Santo Amaro. (A VOZ DA LAMA, EP.2, 2020).

É por meio do comentarista que denúncias e assuntos polêmicos são tratados sem comprometimento dos voluntários de forma teoricamente “anônima”, já que o dono da voz é bastante popular nas redondezas. Seu Faixa é parte da manobra que James Scott (1992) denominou “infrapolítica” ou “transcritos ocultos”. É uma forma de resistência sutil que visa fugir da vigilância ou evitar represálias. Segundo o autor, esse modelo de resistência tende a ser uma estratégia mais eficaz pois atos escancarados demais como protestos e greves tendem a ser mais facilmente reprimidos e manipulados por autoridades infiltradas.

Outra característica diz a respeito à segmentação do público não por meio de pesquisas tradicionais, mas a partir da localização das casas e palafitas. Quem frequenta a região visualiza o contraste entre as moradias mais próximas à avenida principal e as zonas mais afastadas. Se a mensagem deve chegar aos contextos mais populares, que seja pelos meios mais utilizados no seu cotidiano (barco e bicicleta de som) e na língua falada nos becos, mas sem perder o compromisso com a verdade dos fatos⁵¹.

A gente evitava as ruas principais. Não é bem evitava, é que não era o foco principal. Vou dar um exemplo, a [avenida] Encanta Moça, já tem gente pra fazer um programa pra lá. A gente vai ter que ajustar também a linguagem. “Vocês falam muita gíria no programa” ...porque esse [não é o] público que a

⁴⁸ Informação subtraída para preservar o entrevistado.

⁴⁹ Informação subtraída para preservar o entrevistado.

⁵⁰ Sigla para entrevistado de voz masculina 1, como forma de preservar a identidade do criador do personagem.

⁵¹ A sugestão de pautas da rádio deve ser acompanhada da fonte de pesquisa para evitar fake news.

gente quer atingir dessa rua ...a gente quer trazer mais cultura e arte mais pra dentro. A escolha do roteiro, eu pego o mapa e digo “o contexto daqui pra trás é outro” e a gente quer atingir aquela parada. Então, já vai sair daqui e vai pegar essa rua principal e foco nos becos...os becos que saem em outras ruas. Porque o Pina é assim, o Pina começa com as ruas largas, e cada vez que você vai entrando a rua vai ficando mais estreita, e vê mais becos... a bicicleta existe porque carro de som, né? Carro de som não entra em beco... (KCAL GOMES, 2022)

5.2.3 Ações durante a pandemia

As estratégias de comunicação na comunidade durante a pandemia se deram para além das ondas de som. Enquanto na programação da Voz da Lama transmitida na bicicleta, internet e barcoteca eram divulgados conteúdos educativos e de prevenção ao vírus, complementarmente, de forma presencial, a equipe de voluntários da rádio levava porta a porta panfletos, colava lambes⁵² e instruía os moradores verbalmente sobre formas de prevenção, tornando o conhecimento ainda mais inclusivo para os analfabetos e até mesmo aqueles que não eram seus ouvintes.

(...) A gente fazia tudo com as próprias pernas, assim, ganhava grana de doação e comprava os materiais, imprimia as coisas...Demorou bastante pra o poder público vir aqui com informação (...) toda semana a gente fazia doação de material de limpeza e cesta básica...Toda semana. E aí nessa, a gente saía com megafone, fazia uma fala tipo “não faça isso, evite isso e tal”. Dava as coordenadas da OMS na véspera, né? Fazia essas falas no megafone. Aí saía de luva, todo mundo de máscara pra dar um exemplo de que a gente também ‘tava’ nessa onda... A gente chegou a fazer limpeza de maçaneta aqui na comunidade. É... A gente saía aqui de tarde com lencinho e álcool gel pra limpar as maçanetas aqui. Então acho que as próprias ações eram uma forma de informar, sabe? Porque foram mais de mil e quinhentos kits, e é real, toda semana a gente ‘tava’ indo ao mercado pra fazer compras com o dinheiro da doação pra fazer doação de material de limpeza e cesta básica. E aí saía de carrinho de mão por aqui, cada semana era um canto, sabe? [beco do] S, [rua do] Caju... e nesses lugares a gente ia fazendo falas e mostrando todos os aparatos que a OMS disse que seria interessante pra conter o contágio, né? (...) Acho que o diferencial na época foi isso, tentar entender, usar as ferramentas que a gente tinha dentro de uma comunidade assustada que não tinha informação, sabe? Então, na época a gente não tinha a rádio-poste, então tinha que arranjar algum jeito de comunicar a esse pessoal sem correr risco, e também usando o que a gente tinha (MAÍRA CABRAL, 2022).

FIGURA 4 – AÇÕES DURANTE A PANDEMIA NA COMUNIDADE DO BODE EM RECIFE.⁵³

⁵² Lambe-lambes são pôsteres de tamanhos variados colados em vias públicas.

⁵³ Na arte do lambe encontra-se escrito “Comunicado: O presidente é comédia [estúpido], ele quer que nós ‘vire’ balão [vir a órbita]. Se liga, não mosca e se der, se amoita [fica em casa].



Fonte: Divulgação Instagram da Livroteca.

A seguir, daremos continuidade à investigação da rádio de andada A Voz da Lama a partir da análise de conteúdo dos episódios que fazem parte do recorte temporal com base nos estudos de Laurence Bardin (2011).

5.3 Análise de conteúdo dos episódios da Rádio de Andada A Voz da Lama

Bardin (2011) divide a aplicação do método em três etapas: a pré-análise, a exploração do material, e por último, o tratamento de resultados. De uma forma geral, a etapa inicial corresponde à escolha dos documentos que serão submetidos à análise, bem como a formulação de hipóteses (de carácter opcional) e dos objetivos a serem alcançados. Neste primeiro momento é realizada a leitura “flutuante”, onde o pesquisador entra em contato com o material e formula suas impressões, e, à medida que se familiariza com o mesmo, delimita que partes constituirão o corpus da pesquisa. Essa demarcação também obedece a critérios definidos pela autora, como as **regras de exaustividade**, onde devem fazer parte do corpus todos os elementos dentro dos limites estabelecidos pelo recorte criado pelo pesquisador; **de representatividade**, em relação ao universo estudado; **de homogeneidade** de critérios padronizados para todos os componentes; e **de pertinência**, “de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (BARDIN, 2011, p.128).

Ainda na fase de pré-análise, a autora destaca a necessidade da referenciação de índices e da elaboração de indicadores no material a ser estudado, a fim de se fundamentar a interpretação final do texto. Os índices correspondem aos temas de grande importância abordados pelo locutor, enquanto os indicadores estariam ligados

à ocorrência desses primeiros. Antes de seguir para a exploração do material, este último passa por uma preparação, que pode ser desde a gravação em áudio de uma entrevista ou mesmo de uma transcrição de conteúdo de uma rádio, tal como foi executado nesta pesquisa.

Para pré-análise dos episódios da Rádio de Andada A Voz da Lama foram coletados quatro episódios veiculados entre julho de 2020 e outubro de 2021, disponibilizados no canal do Spotify da Livroteca Brincante do Pina. É importante destacar também que a delimitação do corpus se deu considerando o formato de programa de rádio seguido no primeiro ano de funcionamento de A Voz da Lama. Os episódios posteriores seguiram o formato de podcast e foram divulgados apenas em 2022. O material de quase duas horas de programação (01h49min09s), veiculado na comunidade do Bode num momento preocupante da pandemia do novo coronavírus, foi transcrito integralmente, excetuando-se apenas os intervalos musicais. Aplicando o método de Bardin (2011), definiu-se como objetivo a identificação dos recursos linguísticos utilizados pela rádio para promover a proteção à vida da comunidade durante o período pandêmico. Em concordância com o objetivo, compreendemos que o índice seja a própria abordagem do tema central da COVID-19. Os indicadores (recorrência do tema) serão revelados ao longo das etapas que seguem.

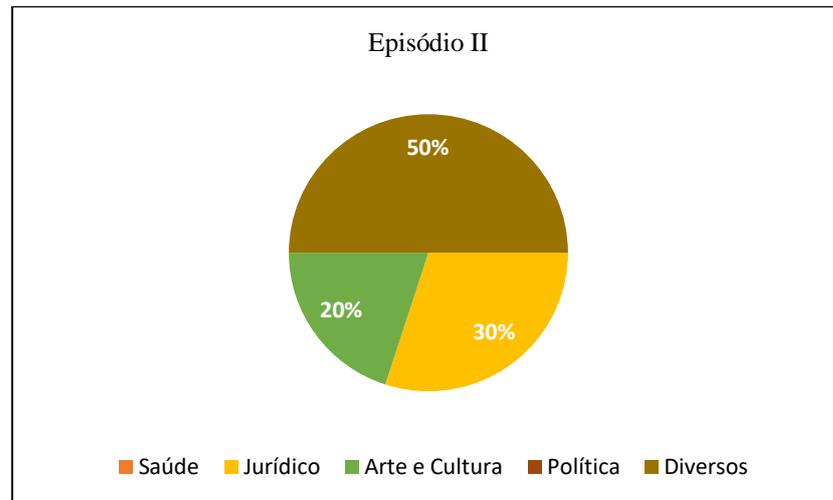
De volta à Bardin (2011), após a identificação dos elementos que fazem parte da pré-análise, dá-se início à exploração do material de fato. Segundo a autora, é nesta etapa em que se codifica e decompõe ou enumera o corpus da pesquisa “em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2011, p.131). No processo de codificação, o texto bruto é analisado e, sistematicamente, recortado, agregado em unidades e enumerado a fim de deixar evidente algumas características do material. A autora divide essas unidades em dois grandes grupos: as **unidades de registro** e as **de contexto**. As **unidades de registro** são de difícil conceituação tendo em vista que podem ser altamente variáveis a depender de cada situação. Frases, palavras ou mesmo um tema podem servir de base para categorização e contagem dessas unidades, ou mesmo classes de palavras como adjetivos, advérbios e verbos. Já as **unidades de contexto**, como a própria nomenclatura evidencia, servem de apoio para a compreensão das de registro, e, da mesma forma, podem ser desde uma frase a um parágrafo.

Para codificação dos programas de rádio (do primeiro ao quarto) da Voz da Lama, em primeiro lugar, desmembrou-se em blocos cada programa a partir dos eixos temáticos tratados. Ao todo, agrupamos o conteúdo em cinco grandes categorias, sempre dando maior atenção ao tema pandêmico, presente em todos os episódios:

- Saúde;
- Aconselhamento Jurídico;
- Arte e Cultura;
- Política;
- Diversos.

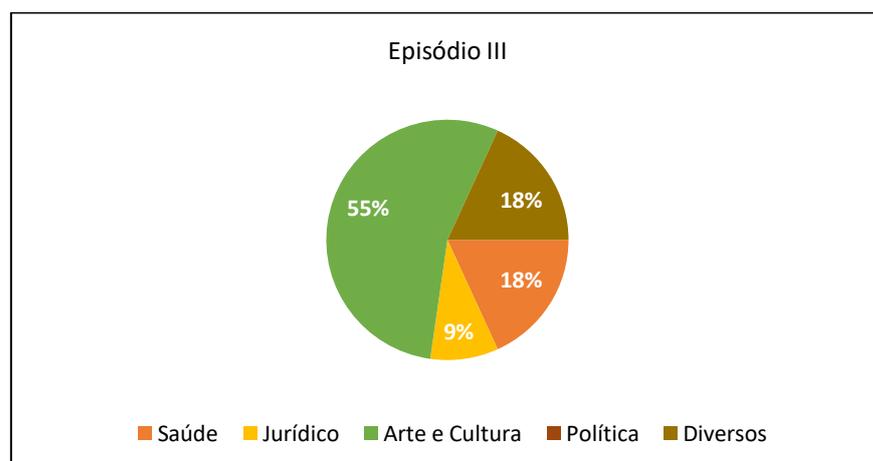
Na categoria saúde foram incluídos os conteúdos referentes ao uso de medicina natural, sexualidade, redução de danos, bem estar e alimentação. Já no aconselhamento jurídico, as orientações sobre benefícios sociais, denúncias em caso de violação de direitos e pendências na justiça. Em arte e cultura, por sua vez, encontram-se as expressões culturais inseridas ao longo da programação e histórias sobre tradições populares. A categoria de política abrange uma pauta única sobre o contexto político do país na pandemia, enquanto a de diversos foi destinada a agregar comentários da equipe da rádio mais generalistas, como diálogos livres entre membros, apelos por cuidados aos espaços públicos, convites à comunidade e divulgação de comércios locais.

No episódio I, que totaliza 24 minutos e 29 segundos, dos 14 conteúdos veiculados, seis corresponderam à pautas na área de saúde, tratando assuntos como remédios caseiros, alimentação saudável, atividades físicas, ansiedade e redução de danos; dois conteúdos jurídicos sobre violência doméstica e o Estatuto da Criança e do Adolescente; cinco sobre arte e cultura, tratando de temas sobre comunidades pesqueiras, além da declamação de poesias sobre leitura, a maré e vícios; e um comentário sobre o cenário político na pandemia.

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DE TEMAS NO 1º EPISÓDIO

Fonte: Elaborado pela autora.

O episódio II, por sua vez, totalizou 35 minutos e 2 segundos de programação, e foi dividido em 10 blocos. As três pautas jurídicas abordaram pendências na justiça penal, violência doméstica e contra a criança; duas de arte e cultura sobre valorização do cabelo crespo e a história do coco de roda; e cinco na categoria diversos, incluindo divulgação de comércios do bairro e da Coletiva Cabras, comentário sobre o menino Miguel Otávio, que faleceu em 2020 após a queda do 9º andar de um edifício, e apoio à candidatura de vereador de Pedro Stilo, morador da comunidade do Bode e membro da Livroteca.

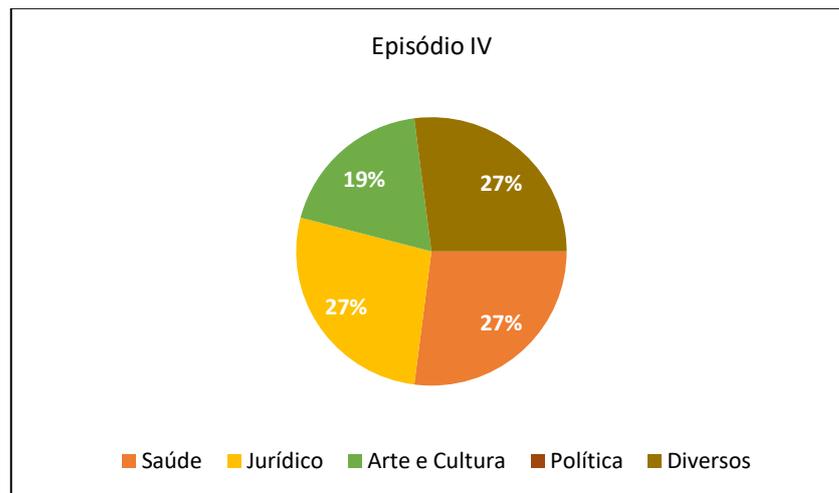
GRÁFICO 2 – DISTRIBUIÇÃO DE TEMAS NO 2º EPISÓDIO

Fonte: Elaborado pela autora.

O terceiro episódio durou 27 minutos e 28 segundos e contou com 12 blocos no total. Dois deles de saúde falando sobre sexualidade e reprodução feminina,

farmácia viva e receitas caseiras; uma pauta jurídica sobre direitos das crianças; seis sobre arte e cultura com a história das nações de maracatu e os poemas sobre o vento, o do gato preto, do mangue, das drogas e brincadeiras de criança; na categoria “diversos”, encontramos um comentário sobre o resultado das eleições 2020 e uma fala de Seu Faixa sobre a preservação da Praça Seu Inácio, restaurada pela equipe da Livroteca.

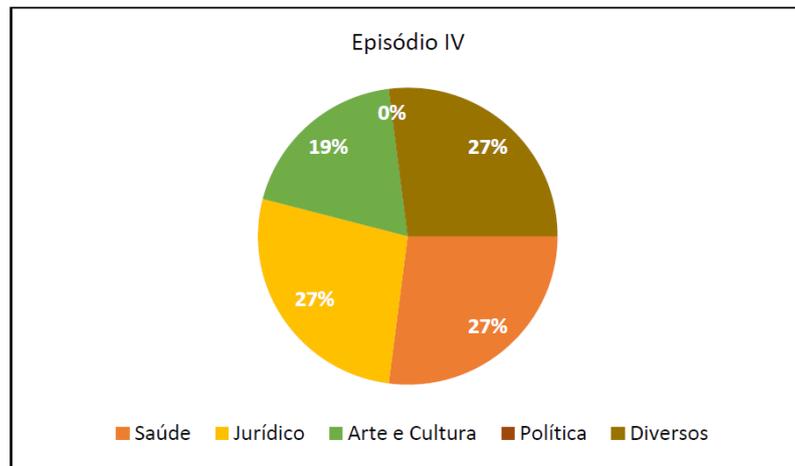
GRÁFICO 3 – DISTRIBUIÇÃO DE TEMAS NO 3º EPISÓDIO



Fonte: Elaborado pela autora.

O último episódio, o mais curto da temporada, teve apenas 22 minutos e 10 segundos de duração dividido em seis blocos: dois de saúde, dois jurídicos e dois diversos. Na categoria saúde, encontra-se um diálogo encenado sobre vasectomia e informações sobre o perigo do açúcar em excesso nas refeições; os blocos jurídicos debatem pensão alimentícia e a regularização do recebimento do auxílio emergencial, com dicas para solucionar o problema; e por fim, em diversos, estão presentes um conto ficcional narrado por Seu Faixa denunciando os conselheiros tutelares do bairro e uma conversa entre duas locutoras sobre racismo estrutural e o caso Marielle Franco⁵⁴.

⁵⁴ Socióloga e vereadora do Rio de Janeiro assassinada em 2018.

GRÁFICO 4 – DISTRIBUIÇÃO DE TEMAS NO 4º EPISÓDIO

Fonte: Elaborado pela autora.

Abaixo estão distribuídos os conteúdos da Voz da Lama graficamente por categoria:

QUADRO 3- DISTRIBUIÇÃO DE CONTEÚDO POR EPISÓDIO

	Saúde	Jurídico	Arte e Cult.	Política	Diversos
Episódio I	6	2	5	1	-
Episódio II	-	3	2	-	5
Episódio III	2	1	6	-	2
Episódio IV	2	2	-	-	2

Fonte: Elaborado pela autora.

Guiada pela unidade de registro, o principal tema que nos interessa – a pandemia do novo coronavírus –, é pautado em diferentes momentos ao longo dos episódios que compõem o corpus, seja nominalmente ou de maneira indireta, evidenciada a partir da compreensão contextual do período da transmissão. Após o isolamento dos blocos que tratavam da COVID-19 e dicas para manutenção da imunidade, entre outras abordagens, a presença do tema por categoria foi distribuída conforme o quadro abaixo:

QUADRO 4 - PRESENÇA DO TEMA DA PANDEMIA CATEGORIA X EPISÓDIO

	Saúde	Jurídico	Arte e Cult.	Política	Diversos
Episódio I	6	1	-	1	-
Episódio II	-	1	-	-	-

Episódio III	1	-	-	-	-
Episódio IV	-	1	-	-	-

Fonte: Elaborado pela autora.

5.3.1 Análise categorial dos blocos com temas voltados para a saúde

As primeiras pautas inseridas pela rádio no episódio de abertura foram relativas à saúde. Em um ano em que o coronavírus era ainda um inimigo desconhecido, a única certeza era a da importância de manter a imunidade em dia, utilizando as ferramentas ao alcance da comunidade que no período, se encontrava no segundo grupo de distritos sanitários⁵⁵ com mais casos de contaminação. Sendo assim, termos como “imunidade”, “defesas imunológicas” e o destaque para vocábulos como “saudável”, “pandemia” e “isolamento” além da narração de dicas caseiras estiveram presentes especialmente nos programas 1 e 3. Com a implantação da horta comunitária em 2020, as práticas saudáveis foram incentivadas como alternativas à compra de remédios alopáticos.

M2: Fala galera, vocês sabiam que tem muitos remédios caseiros com plantas medicinais? Não? Então se liga aí, não precisa tu ir correndo pra uma farmácia pra comprar aquele comprimido pra tua gripe. Toma um chá de alho, um chá de gengibre com limão e mel, eles são muito eficazes para cura desta tua gripe. Como um suco de acerola, um suco de laranja. Todos são ricos em vitamina C, eles vão estimular o bom funcionamento das tuas células e a defesa do teu corpo. Se liga, não precisa ir ‘pruma’ farmácia, espreme um limão com mel, toma, que tua gripe, meu ‘véi’, vai embora. ‘Vamo’ nessa! (A VOZ DA LAMA EPISÓDIO 1, 2020).

F: Você sabia que aqui no Bode existe uma farmácia viva? Pois é, na Livroteca temos ao acesso de todos, uma horta comunitária, onde são cuidadas plantas medicinais que servem pra curar diversas doenças. Com os produtos dessa farmácia, que tem a forma de horta, além do aumento da imunidade no período de pandemia, pode amenizar os sintomas do vírus. Também promove o resgate cultural e os saberes populares vindos das ervas e plantas (A VOZ DA LAMA EPISÓDIO 3, 2021).

Ao longo das análises vai ficando evidente o quanto os textos das pautas transitam entre a aplicação de elementos coloquiais e formais, sem uma padronização no repasse das informações. No mesmo parágrafo em que se empregam gírias, foram

⁵⁵ Segundo boletins epidemiológicos publicados pela Secretaria de Saúde do Recife no ano de 2020, disponíveis em: <https://cievsrecife.files.wordpress.com>

inseridas sentenças como “estimular o bom funcionamento das células e defesa do corpo”. Esse, por sinal, é um movimento interessante que se repete em uma parte significativa dos textos. Como pode-se observar nas falas acima, os vocábulos utilizados nas pautas nem sempre obedecem ao princípio de uma linguagem acessível às pessoas letradas, conforme a proposta da rádio de alcance das camadas mais populares do bairro. Na sentença que se faz menção ao “resgate cultural e os saberes populares” pode ser de difícil compreensão ao público que reside nos becos e casas flutuantes.

A realização de atividades físicas gratuitas, como caminhada e meditação, também foram sugeridas pela equipe da rádio a fim de promover a higiene mental da comunidade durante o isolamento, levando em consideração a condição financeira média dos ouvintes, que em sua maioria, são beneficiários de programas sociais.

Em outro momento o assunto abordado em um comentário é sobre a ansiedade causada pelo excesso de notícias ruins divulgadas à época: número de infecções, óbitos e unidades de terapia intensiva superlotadas. A fala curta trata apenas de um incentivo a não se deixar abater pelo medo para atravessar o momento com sanidade.

M2: Meu irmão, você tá ligado que o momento que estamos passando de muitas informações e tudo isso está nos deixando com medo? O medo é a única emoção transmitida neste momento, principalmente pelos meios de comunicação. Então se liga aí, esse medo vai aumentar teu nível de ansiedade. Tu vai[sic] ficar fraco, teu organismo vai adoecer, mas apenas pelo medo que você tá de tantas informações. E aí, tu vai[sic] deixar que esse medo te domine? Não. Segue em frente, ergue a cabeça, vamos nessa, meu irmão. Nada de medo, vamos encarar que tudo isso vai passar (A VOZ DA LAMA EPISÓDIO 1, 2020).

No primeiro episódio foram destinados cerca de 00h03min58s dos 00h24min29s totais só para tratar da saúde. No terceiro episódio esse tempo é reduzido a 00h00min52s.

Outro tema abordado na categoria saúde foi a redução de danos. Na linguagem ‘das ruas’, o locutor apela para que os moradores evitem fazer o uso de drogas já conhecidas como causa da morte entre vizinhos.

M3: ...e nesse momento de pandemia aí, galera, a gente tem que ficar isolado, que tem ficar sozinho, né, dá a maior vontade de quê? De baratinar⁵⁶. Por isso a gente tem que tá ligado, né, no nosso consumo de drogas, que nesse momento aí de pandemia aumentou pra carai [sic]. Os ‘pirraia’ tá a milhão

⁵⁶ Gíria que significa “sair para se divertir”.

[sic], véi [sic], e a gente tem que tá sempre ligado. Aqui no Bode, por exemplo, a gente já perdemos [sic] alguns pelo uso de loló, véi. Loló é uma parada muito séria, galera. Não dá pra tá cheirando loló, precisa reduzir o dano, né? Loló trava o oxigênio que vai para o cérebro, aumenta a arritmia cardíaca, né, e o coração fica a milhão e isso pode levar até a morte, como já aconteceram com alguns comparsas nossos aqui. Então se liga, nesse momento aí de isolamento, evita, reduz danos, se alimenta. Bebe bastante água meu comparsa, bebe bastante água, minha bebê. Não fica nessa não. Sei que a vontade é maior de baratinar, mas a gente precisa se cuidar (A VOZ DA LAMA EPISÓDIO 1, 2020)

O texto da pauta de redução de danos é mais um exemplo de ausência de adaptação de determinados termos para uma melhor compreensão dos ouvintes. Ao mesmo tempo em o locutor se utiliza de gírias presentes no dia a dia dos jovens da comunidade ('pirraia', 'véi', 'baratinar') termos como "arritmia cardíaca" e "redução de danos" que poderiam ser substituídas por outros mais simples, contrastam por não se mostrarem acessíveis a quem se destina o programa.

5.3.2 Aconselhamento Jurídico

Presente em três dos quatro episódios da rádio, duas das pautas jurídicas abordaram a pandemia, a partir da perspectiva da violência contra a mulher. Mulheres integrantes da Coletiva Cabras alertaram as residentes da comunidade do Bode sobre a importância de denunciar investidas contra a integridade física e psicológica durante o isolamento, tendo em vista que no período, a convivência com os agressores seria prolongada. Em trecho da fala de uma das locutoras, o aumento da violência de gênero é comparado com os casos de contaminação pela COVID-19, dando destaque à dimensão da gravidade do problema:

F1: E aí, amiga! Você tem sofrido nesses tempos solidão, medo, fome, insegurança, desemprego ou algum tipo de violência? Fica tranquila, você não está sozinha. Esses são problemas que todas atravessamos e por isso, é uma luta de todas. A pandemia do coronavírus tornou mais nítido ainda o racismo, a violência e as desigualdades que impactam a cada dia as nossas vidas como mulheres negras da comunidade. As diversas formas de violência contra a mulher também são uma pandemia. Você sabe o que é uma pandemia? É o avanço de uma doença que se espalha no mundo todo, o mesmo que acontece com a violência contra as mulheres, que acontece em todas as partes. Mas não esqueça de procurar ajuda. Se você está sofrendo qualquer tipo de violência, liga para o 1-8-0, Central de Atendimento à Mulher. 1-8-0 (A VOZ DA LAMA EPISÓDIO 2, 2020).

Ainda que em determinado momento seja traduzido o significado da palavra pandemia, o texto apresenta construções como "problemas que todas atravessamos", "nítidas desigualdades que impactam" que poderiam ser substituídos por sinônimos

como “acontecem com todas nós” e “deixou [a pandemia] ainda mais ‘na cara’ as desigualdades que vivemos”. É interessante perceber como alguns dos textos voltados aos adultos/chefes de família são produzidos sem tantas gírias e expressões, caminhando em determinados momentos para o outro extremo de uma linguagem pouco acessível, é claro que isso varia também do autor de cada pauta e do que se deixa passar na adaptação dos conteúdos.

Em outro momento, o aconselhamento é direcionado à comunidade acima dos 18 anos (com exceção das mães adolescentes) beneficiária do Auxílio Emergencial. A medida, criada pelo Governo Federal para minimizar os impactos da pandemia do novo coronavírus na população de baixa renda foi lançada em abril de 2020. Devido a falhas no sistema e ao alto número de demandas, ocorreram alguns atrasos ou bloqueios no pagamento das parcelas, levando famílias ao desespero diante do medo da fome e endividamento. O benefício teve duração total de 17 meses, e a depender da composição de cada família, variou entre R\$150 e R\$375. A Voz da Lama utilizou do seu canal de comunicação para orientar as famílias, em especial às mulheres, donas de casa a quem o locutor se direciona (“mulé” [sic]) que estavam enquadradas na situação, disponibilizando contato para solicitação de regularização das mensalidades.

M: Ei ‘bença’, teu auxílio emergencial ano passado foi negado por um motivo que tu considera[sic] injusto ou que não tem nada a ver com a realidade? Ou ainda, foi aprovado e logo depois bloqueado sem uma justificativa verdadeira? Ou pior, tu ‘recebesse’ parcelas de seiscentos reais quando na verdade deveria ser de mil e duzentos por tu ser mãe e chefe de família? Ô mulé, fica triste não que dá pra resolver o teu B.O.⁵⁷ Procura a Defensoria Pública da União, que lá vão ter advogados pra te ajudar a entrar com uma ação contra a União Federal para que eles te paguem teu dinheiro. Como não tá funcionando presencialmente, tu ‘pode’ mandar um zap explicando tua situação pro número 8-1-9-9-5-1-5-6-9-3-6. 8-1-9-9-5-1-5-6-9-3-6. O dinheiro pode demorar um mês, dois meses, ou até um pouco mais pra sair, mas se o juiz entender que tu realmente tinha[sic] direito, tu recebe todos os meses atrasados tudinho de uma vez, já pensasse? Massa, né? Bora correr atrás dessa grana? Escuta o número do ‘zap’⁵⁸ mais uma vez: 8-1-9-9-5-1-5-6-9-3-6. Esquece não, e manda tua mensagem para a Defensoria Pública da União (A VOZ DA LAMA EPISÓDIO 4, 2021).

5.3.3 Política

O comentário político é na verdade um desabafo de um dos membros da Voz da Lama em relação à condução da pandemia pela autoridade maior do país, na

⁵⁷ Gíria utilizada na comunidade para indicar problema.

⁵⁸ Aplicativo de mensagens WhatsApp.

época Jair Bolsonaro. A lentidão na implementação das medidas de isolamento e o desprezo pelo poder destrutivo do vírus da COVID-19 comparado com uma ‘gripezinha’ acarretou na conclusão de que a economia do país seria mais importante que as vidas ceifadas pela doença. O comentário também cita a denúncia feita ao Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas pelas organizações não-governamentais do país em março de 2021, que criticava entre outros pontos, a promoção de drogas ineficazes no combate ao vírus como a Cloroquina e o desdém pelas vacinas.

Apesar da intenção em situar a comunidade acerca do problema, o texto possui informações carregadas de termos mais próximos de uma comunicação comercial em que não são considerados os indivíduos em diferentes de níveis de escolaridade. O uso de termos como “implementada”, “negligência”, “carência de uma política pública coerente para contenção” exigem não só conhecimentos do português mais formal como do que são essas políticas e como a falta delas afeta as famílias da comunidade do Bode, por exemplo. O fato da menção à denúncia por parte da ONU também é um outro fato que chama a atenção: saberiam os moradores que constituem o público-alvo o que essas três letras representam? Qual a gravidade de ser notificado pela organização? Seria o acréscimo desse dado relevante quando relatado dessa maneira sem uma “tradução”?

M2: Galera, no Brasil tem duas coisas que estão crescendo muito. Um é o coronavírus. O outro, os conflitos do presidente Jair Bolsonaro. Ele não deu importância à ameaça do vírus, chamando de gripezinha, e criticou as medidas de isolamento social implementada pelos estados para impedir infecções, se preocupando apenas com a economia. E aí, um presidente desse que se preocupa antes de tudo pela grana do que com o povo. Que presidente é esse? O governo de Bolsonaro foi denunciado à ONU por negligência no combate ao Covid-19, negando sua gravidade pela carência de uma política pública coerente para contenção do vírus. Sai de retro, satanás! (A VOZ DA LAMA, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Voz da Lama, apesar de um projeto antigo, nasceu em um dos momentos mais críticos, não só da comunidade a que pertence, mas do mundo: a crise do coronavírus. A nova realidade incerta e angustiante levantou dúvidas sobre muitos aspectos: como prevenir? São seguras as vacinas ainda em fase de testes? Na comunidade do Bode, carente não só de moradias dignas e saneamento, mas também de informação, nasceu a rádio de andada. A partir da estreia desse veículo de comunicação surgiu a pergunta norteadora desta pesquisa: qual a sua singularidade ao comunicar o perigo do Covid-19 para os moradores?

O perfil ambulante que faz a rádio se deslocar até os ouvintes pelas ruas e pelo rio é uma característica marcante da Voz da Lama, ainda que não seja seu único diferencial. Além da geração de renda por meio do aluguel dos barcos de som para distribuição dos conteúdos em um momento de instabilidade financeira, a rádio ainda promoveu ações integradas de informação sobre a pandemia nas modalidades porta a porta, através do uso de megafone, distribuição de panfletos e colagem de lambes, atingindo um público além dos que consumiam seus conteúdos. Somando-se a isso, podemos sublinhar a potencialização do alcance da programação itinerante por meio da distribuição dos conteúdos nas plataformas de *streaming* e utilização de diversas redes sociais. É a partir desse rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) que a Voz da Lama pode ser consumida por um público mais diverso do que se propõe utilizando recursos além dos unicamente sonoros, como por exemplo, as artes gráficas que ilustram os episódios e vídeos postados em redes sociais.

A criação de Seu Faixa, comentarista ficcional para assuntos polêmicos é outro recurso que merece ser citado. Graças ao personagem, denúncias a irregularidades em serviços públicos ou problemas pontuais do território são levados ao ar sem intimidação da equipe, uma vez que é um personagem anônimo. O fato de Seu Faixa utilizar-se de contos e encenações teatrais para tratar de pautas de interesse dos moradores também merece atenção, pois destoa dos blocos mais informativos, mas ainda assim também leva discussões relevantes para a comunidade.

Outro aspecto de destaque da rádio de andada é a preocupação com a igualdade de gênero. As mulheres da equipe além de ter o mesmo nível de participação dos homens, são respeitadas também pela programação que ajudam a

construir, deixando de fora qualquer tipo de preconceito e apologia à violência, assuntos que são proibidos de compor a grade. As mesmas regras são aplicadas a outros grupos membros da comunidade LGBTQIAP+, negros e pessoas com deficiência).

Apesar da preocupação de chegar em uma comunidade que tem dificuldade de acesso à comunicação, A Voz da Lama ainda enfrenta o desafio de não reproduzir uma linguagem formal, como na mídia comercial. Ao longo das análises, pôde-se perceber o quanto há uma alternância entre vocábulos mais formais e coloquiais em um mesmo conteúdo, podendo causar ruídos na compreensão do ouvinte, partindo da premissa que a região de atuação da rádio comporta majoritariamente pessoas sem alfabetização. De qualquer forma, entendemos que o papel de informar a partir da identificação de necessidades pontuais do território foi cumprido. Como ponto alto da abordagem da pandemia do novo coronavírus, por exemplo, tema central desta pesquisa, houve o esforço em contemplar o assunto a partir de diferentes perspectivas: no campo da violência de gênero, presente nos lares durante o *lockdown*, do direito ao recebimento ao auxílio emergencial, das receitas caseiras para aumento de imunidade e proteção à doença, na abordagem de práticas saudáveis para o corpo e a mente durante o período.

Indo além da resposta à pergunta que originou esta pesquisa, vale destacar algumas descobertas sobre a rádio que se tornaram conhecidas a partir das análises e entrevistas aos membros. Primeiramente, é fato que a Voz da Lama possui estruturas de funcionamento completamente diferentes a depender do suporte: no barco e bicicleta a programação é fruto da produção coletiva e em blocos, já a transmissão FM é majoritariamente composta por músicas 24 horas com interrupções pontuais para os informes.

Outro dado que chama atenção diz respeito às construções discursivas das pautas. A depender se o assunto apresentado é direcionado aos mais jovens são utilizadas mais gírias e erros propositais de português, o que não acontece quando há temas de interesse voltados aos adultos.

Ainda falando das construções textuais da rádio, além da ausência de padronização devido à diversidade de vivências e formações das pessoas que compõem a equipe, é possível notar também como os blocos são distintos. Se em

determinado momento a informação é levada de maneira mais educativa, em outro pode ser apresentada no formato de encenação teatral, diálogo informal, ou até mesmo de música. Compreendemos essas diferentes formas de comunicar como estratégias para atingir de forma segmentada as fatias de público existentes na comunidade.

Dentre os objetivos propostos de compreender as motivações para fundação da rádio, seu funcionamento e participação da comunidade, consideramos todos eles alcançados de maneira satisfatória por meio das entrevistas formais e informais realizadas. Ao mesmo tempo, diante do conhecimento da baixa adesão da comunidade externa à Livroteca nas decisões da rádio, propomos no futuro a investigação desses motivos para, adiante, traçar estratégias que possibilitem a consciência e apropriação a respeito da comunicação como direito tão importante quanto à saúde e moradia.

Conduzir a pesquisa sobre A Voz da Lama foi desafiador por ser um fenômeno recente no território em que vivo, ainda tão impregnado pela tradição oral. A ausência de registros documentados sobre processos importantes da rádio, por vezes, limitou-se à memória dos seus voluntários, que por motivos como mudança de residência ou volta às atividades presenciais de trabalho pós-isolamento, dispersaram-se em um curto período de tempo. Mas, como já fora dito anteriormente, a Voz da Lama é um projeto ambicioso que cultiva a continuidade daquele trabalho iniciado em 2020 quando quase nada no bairro estava funcionando em virtude do decreto nacional do *lockdown*.

Apesar do hiato atual, dentro das possibilidades de recursos técnicos e humanos, a produção dos episódios resiste em um verdadeiro “trabalho de formigas” sem jamais considerar o cancelamento dessa atividade que tem levado cidadania à comunidade do Bode.

É não só sabido como reafirmado pelo fundador da Livroteca e idealizador da rádio ambulante que A Voz da Lama “não revolucionou o mundo da comunicação” (KCAL GOMES, 2022), porém não se pode ignorar o importante papel de conscientização que foi executado diante do perigo do vírus. Mais do que isso, de até mesmo auxílio financeiro quando a comunidade acumulava dificuldades.

Por fim, propomos a atualização das categorias de rádios comunitárias do país identificadas até o momento (PERUZZO E VOLPATO, 2010) pela inclusão da modalidade de andada. O termo, que se refere à característica ambulante, deve agrupar aqueles veículos de comunicação que venham a se deslocar até seus ouvintes seja a pé, por barco, bicicleta ou quaisquer meios adaptados à realidade do território em que funcione.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.
- BITOUN, Jan; MIRANDA, Livia; SOUZA, Maria Ângela de Almeida. **Recife: Metrópole Regional, Periférica, Incompleta e Desigual**. In: RIBEIRO, Luiz Cesar; RIBEIRO, Marcelo Gomes (Org). **Metrópoles Brasileiras: síntese da transformação na ordem urbana (1980 a 2010)**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018. p. 111-140.
- BORDENAVE, J.E.D. **O que é participação?** 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CABRAL FILHO, A. V. **A formulação de políticas no setor de rádios comunitárias no Brasil: por um modelo que compreenda o desenvolvimento humano e social**. *Redes.com (Sevilla)* , v. 6, p. 17-28, 2011.
- CERVI, Emerson Urizzi; CARVALHO, FERNANDA CAVASSANA DE. **Conteúdo ou Dinheiro?** Diferenças entre as políticas de comunicação dos governos Dilma e Temer no Brasil. *INTERCOM (SÃO PAULO. ONLINE)*, v. 42, p. 91-113, 2019.
- COSTA, Mauro Sá Rego. **Rádios Livres e rádios comunitárias no Brasil**. *Revista Periferia*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 1-13, 2010.
- DANTAS, José Guibson. **Teoria das mediações culturais: uma proposta de Jesús Martín-Barbero para o estudo de recepção**. *Diálogos Possíveis*, [S.l.], v. 7, n. 2, may. 2014. ISSN 2447-9047
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed.; 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.
- FONSECA, Daniel; VALENTE, Jonas. **Marco regulatório do sistema de mídia brasileiro**. *Intervozes; Repórteres sem Fronteiras*, out. 2017.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONZÁLEZ, Jorge A.; PERUZZO, Círcia M. Krohling (ed.). **Arte y oficio de la investigación científica: cuestiones epistemológicas y metodológicas**. Quito: Ciespal, 2019.
- IVES, DIOGO. **A construção de capacidade estatal de comunicação pelo Partido dos Trabalhadores: intenções e resultados**. *MEDIAÇÕES - REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS* , v. 24, p. 108-130, 2019.
- KAPLÚN, Mário. **El comunicador popular**. Quito: CIESPAL, 1985.

MARINONI, Bruno. **Concentração dos meios de comunicação de massa e o desafio da democratização no país.** Revista Análise, nº13, Fundação Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil, São Paulo: novembro, 2015, p.6-27.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social.** In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 2002.

MARTINS, A. A. L. **Mediação, comunicação e informação: a centralidade do sujeito e a produção da racionalidade neoliberal.** Em Questão, Porto Alegre, v. 27, n. 4, p. 272–295, 2021. DOI: 10.19132/1808-5245274.272-295.

MCLEISH, R. **Produção de rádio – uma guia abrangente de produção radiofônica.** 3 ed. São Paulo: Summus, 200.1

MEDEIROS, Rafael; PRATA, Nair; SANTOS, E. C.. **Rádios comunitárias no Brasil: entre a clandestinidade e a relevância social.** REVISTA LATINOAMERICANA COMUNICACIÓN CHASQUI, p. 129-146, 2019.

MESQUITA, Giovana Borges et al. **Radionovela como estratégia de comunicação para a prevenção das arboviroses no campo.** Relatos de Experiências para a prevenção de arboviroses: Centro oeste, norte e nordeste, Brasília: Editora ECoS, 2022. (RedeBrasil Arbocontrol, v.1), p.115-130.

MESQUITA, Giovana; MUSTAFÁ, Izani. **A função social das rádios-postes do Nordeste do Brasil.** Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM), São Paulo, V. 10, n.1, p. 288-304, jan.2021-jul/2021. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/10978>>. Acesso em: 31/jan. 2022

_____. **Rádio Comunitária e povos indígenas: entraves e potencialidades para pluralidade de vozes.** Revista Interterritórios, [s.l.], v.4, p. 76-88, 2018.

MIANI, R. A. ; AKAMATSU, B. M. E. . **A comunicação popular no âmbito da Pastoral Operária: a experiência do informativo A Voz do Trabalhador.** 2020.

ORTH, Thiana; SOARES, Jessica Degrandi. **Empresa Brasil de Comunicação (EBC): a comunicação pública em declínio.** Revista Katálisis, v. 23, n. 3, p.439-448, 2020.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor.** ECO-Pós, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 46-61, maio-agosto 2009a.

_____. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania.** In: Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, 7., 2004, São Bernardo do Campo. Anais [...] São Bernardo do Campo, 2004.

_____. **Epistemologia e método da pesquisa-ação.** Uma aproximação aos movimentos sociais e à comunicação. In: Anais XXV Encontro Anual da Compós (pp. 1-22). Goiânia: Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2016.

_____. **Ideias de Paulo Freire aplicadas à comunicação popular e comunitária.** Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 1-16, abr. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2017.1.24207>

_____. **Rádio comunitária, Educomunicação e Desenvolvimento.** In: PAIVA, Raquel (org.). O retorno da comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. **Rádio comunitária na internet: empoderamento social das tecnologias.** Revista da Famecos, Porto Alegre: PUCRS, v. 30, p. 115-125, 2006.

PERUZZO, Círcia M. Krohling y VOLPATO, Marcelo de Oliveira. **Rádio comunitária e liberdade de expressão no Brasil (Portada).** En Chasqui Revista Latinoamericana de Comunicación. Libertad de expresión. Quito: CIESPAL, (no. 109, marzo 2010): pp. 39-42. ISSN: 1390-1079. 1390-1079.

RÊGO, Marília Gabriela Silva; SILVA, Acsa Roberta Macena da. **A postura inconstitucional do setor de comunicação brasileiro: O caso Empresa Brasil de Comunicação (EBC).** VOZES & DIÁLOGO, v. v.18, p. p.33-46, 2019.

SILVA, Acsa Roberta Macena da. **A autonomia jornalística na televisão pública brasileira: entre a censura e as margens de manobra.** 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

SILVA, Oswaldo Pereira da. **Histórias do Pina.** Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008

VALENTE, Jonas. **Sistema público de comunicação do Brasil** .In: INTERVOZES. Sistemas Públicos de Comunicação no Mundo: Experiências de doze países e o caso brasileiro. São Paulo :Paulus, 2009. (p. 269-289).

http://www2.recife.pe.gov.br/sites/default/files/31.12_-_boletim_informativo_sesau_-_covid.pdf

<https://novocoronavirus.recife.pe.gov.br/boletim/>

<https://www.cidadessustentaveis.org.br/arquivos/link/mapa-das-desigualdades.pdf>

<https://conselhodacidade.recife.pe.gov.br/sites/default/files/2020-12/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20PHLIS%20-%202023-07-2019.pdf> (acesso em 15/05/2021)

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/3519-atlasdaviolencia2020completo.pdf>

<https://www.camara.leg.br/radio/programas/380280-em-1935-surgiu-a-hora-do-brasil-mais-conhecida-como-a-voz-do-brasil/> (acesso em 28/06/2021)

<https://sistecnews.com.br/noticia/2352/programa-voz-do-brasil-comemora-seus-85-anos> (acesso em 28/06/2021)

<https://www.gov.br/pt-br/noticias/transito-e-transportes/2020/10/publicadas-regras-de-flexibilizacao-do-programa-a-voz-do-brasil> (acesso em 28/06/2021)

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/09/30/ha-40-anos-lei-falcao-reduzia-campanha-eleitoral-na-tv-a-lista-de-chamada> (acesso em 02/07/2021)

<https://www.poder360.com.br/midia/grupo-globo-recebeu-r-102-bilhoes-em-publicidade-federal-de-2000-a-2016/> (acesso em 07/10/2021)

<https://www.poder360.com.br/midia/governo-bolsonaro-reduz-publicidade-na-globo-e-prioriza-sbt-e-record/> (acesso em 07/10/2021)

<https://fernandorodrigues.blogosfera.uol.com.br/2015/06/29/tv-globo-recebeu-r-62-bilhoes-de-publicidade-federal-com-pt-no-planalto/> (acesso em 07/10/2021)

<http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/05/07/2013/prefeitura-retira-51-caixas-de-som-de-postes-do-centro> (acesso em 31/01/2022)

<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1428> (acesso em 09/02/2022)

<https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/saude-e-bem-estar/2021/07/13016986-com-explosao-das-arboviroses-veja-ranking-de-bairros-do-recife-com-maior-risco-de-dengue-zika-e-chicungunha.html> (acesso em 16/02/2022)

<https://revista.algomas.com/exclusivas/fundaj-epidemia-cresceu-mais-rapido-na-periferia-em-maio> (acesso em 16/02/2022)

<https://covid.saude.gov.br/> (acesso em 17/02/2022)

<https://www.youtube.com/watch?v=ltWFSSLpJ3Y> (acesso em 23/04/2022)

<https://www.brasildefatope.com.br/2022/02/02/organizacoes-ocupam-predio-publico-abandonado-no-recife-e-reivindicam-centro-cultural> (acesso em 23/04/2022)

<https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2022/02/14942178-abandonado-e-vendido-pelo-estado-antigo-centro-cultural-do-pina-no-recife-e-reocupado-pela-comunidade-do-bode.html> (acesso em 23/04/2022)

<http://www.livrotecabrincantedopina.siteo.one/quem-somos> (acesso em 06/05/2022)

<https://intervozes.org.br/comunicacao-publica/>